

RILVAN BATISTA DE SANTANA

ROSAS COM ESPINHOS  
(contos)



**Ano 2007**

Há tantos burros mandando em homens de inteligência, que, às vezes, fico pensando que a burrice é uma ciência. - Rui Barbosa

Rilvan Batista de Santana

ROSAS COM ESPINHOS

(Contos)

INDICE

- I- Atir, a cronista
- II- A eterna juventude
- III- Agostino Benedetto
- IV- Carta para Dra. Adriana Curvo
- V- Gostei do seu último artigo
- VI- Irmã Dulce, o Anjo bom da Bahaia
- VII- Júri Inesquecível
- VIII- Nóia não, meu filho
- IX – O Símbolo
- X- Priscila
- XI- Rosa com espinhos
- XII- Susan “Boyle”
- XIII- Um chato estudante de português
- XIX- Pedagogia do limite
- XX- Deus não existe
- XXI- Carta para o Frei J.G. Costa dos Santos
- XXII- Carta para o jovem Paulo
- XXIII-O aborto
- XXIV-Vilma

XXV- 25 anos de sacerdócio

XXVI- A criatividade

XXVII- D. Morte

XXVIII- História & estórias

## Apresentação

O prefácio é um texto que antecede e apresenta uma obra escrita. Geralmente, não é feita pelo autor da obra. Alguém, que tem afinidade com o escritor ou com o seu pensamento teórico. Ele é designado pelo autor, pela editora ou pelos parentes, quando a edição é póstuma. Não tenho ninguém para delegar esse mister. Não sou lido, não sou conhecido, não sei se os textos que eu produzo sequer merecem uma edição.

Porém, produzo esses textos desde a juventude, depois de velho e com o auxílio do um computador e os recursos técnicos oferecidos de arquivamento e divulgação, é que me debrucei de maneira mais organizada sobre a produção de alguns gêneros literários.

Considerando que a Internet veio para revolucionar os meios de comunicação pela agilidade das informações, universais e resumidas, resolvi investir na produção de crônicas e contos por achar que eles serão os gêneros do futuro, face o homem atual viver cada vez mais sobrecarregado de obrigações existenciais. Ele tem menos tempo para os prazeres da alma e vai preferir histórias exíguas e objetivas, prescindindo de histórias compridas e prolixas.

Nos meus textos uso muitas sentenças exclamativas e reticentes com o objetivo de expressar as emoções, os sentimentos das personagens. Acredito

que as exclamações dão mais movimento aos personagens, as exclamações deixam as personagens mais soltas e as sentenças reticentes, despertam no leitor uma pontinha de curiosidade e mistério.

Não acredito em uma literatura universal, cada povo tem suas peculiaridades, acredito sim, em temas universais. O amor, a paixão, a traição, a coragem, a lealdade, a procura, o destino, o crime, a morte etc., são ingredientes que sempre serão encontrados na natureza humana. O homem é o único animal que escreve sua história e jamais ele irá dissociar-se de sua essência.

O romance, o conto e a crônica servem para dar respostas às inquietações do espírito humano de maneira criativa, já a filosofia, serve para deixá-lo mais inquieto, sem solução, porque algumas respostas são tão difíceis que se o homem as tivesse, ele resolveria todos os seus problemas espirituais e existenciais. A filosofia é a busca constante...

Tive pais analfabetos e fui criado por tios semi-alfabetizados, além duma vida de carências intelectuais e materiais. As circunstâncias do meio tornaram-me mais estudioso. Com visíveis dificuldades de aprendizagem e sem muitos recursos intelectuais, cheio de lacunas, sem talento e sem genialidade, sublimava as minhas limitações de aprendizagem triplicando o gosto pela leitura e cobrando mais do meu lento raciocínio.

O talento e a genialidade são produtos da inspiração, não advêm do trabalho, da persistência ou se nasce com eles ou não. O trabalho intelectual, a persistência, o estudo e a pesquisa nos darão embasamento para discernir, separar o joio do trigo, mas jamais contribuirão na definição do processo de criação. Por isso, acho que os meus textos têm valor estimativo e não servem de modelos literários. Diria que são leituras palatáveis, textos que podem não ter uma mensagem sui generis, mas que trazem mensagens do dia-a-dia, história do cotidiano de alguém conhecido ou história de “ouvi dizer”.

Não se tira leite da pedra. Toda história, toda narrativa, tem um percentual embasado na realidade e um percentual de ficção que também não deixa de ser realidade, produto do nosso inconsciente e a sabedoria popular é taxativa quando se refere a isso com a máxima: “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Porém, faz-se necessário registrar que isso é diferente de plágio. O plágio é uma imitação, é quase uma cópia às avessas. O plagiador é

um falsário, um ladrão das idéias alheias. É diferente daquele que conta uma história que pode já ter sido contada, todavia, a roupagem e a estamperia são exclusivas.

Não se pode afirmar em nenhum momento que a vida e a obra de Jesus Cristo foram plagiadas no Novo Testamento. Os textos da Mateus, Lucas, Marcos e João são tão parecidos que alguém poderia perguntar: “quem plagiou quem?”, mas observa-se amiúde que embora seja a mesma história, cada autor faz sua exegese da palavra.

Enfim, se o eventual leitor dos meus escritos não se enfadar com as primeiras páginas do meu livro e folheá-lo até a última página, agradeço-lhe e dar-me-ei por satisfeito pelo esforço e coragem que tive de submeter-me às críticas dos que não irão gostar por quaisquer motivos ou o ataque ferrenho dos críticos que por preconceito compreensível não vão gostar.

Itabuna, 25 de julho de 2007.

Rilvan Batista de Santana

Autor

```
<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/"></a><br /><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">Rosas com espinhos</span> by <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="mailto:rilvansantana2005@yahoo.com.br" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Rilvan Batista de Santana</a> is licensed under a <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/">Creative Commons Atribui&#231;&#227;o 3.0 Brasil License</a>.
```

## Atir, a cronista.

R. Santana

Conhecemos-nos virtualmente e virtualmente nos separamos. Ela chamava-me de “homem pensante”. Bondosamente, distinguiu-me desde o início como um homem intelectual e inteligente, mais cabeça do que emoção. Não me lembro se distingui-lhe com algum epíteto, mas se não o fiz, o faço agora: “mulher emoção”.

Entretanto, faz-se justiça esclarecer para os leitores de raciocínio rápido, que não tirem conclusões antecipadas. Não pensem que os sentimentos e as

emoções fáceis embotam o raciocínio, ambos podem conviver coesos numa mesma pessoa e Atir goza desse privilégio. Ela é sensível, carente, sonhadora, emoção quando a ocasião é cor de rosa. Camaleônica quando lhe é adverso o terreno, deixa de ser emoção e assume a mulher pensante, articulada e inteligente.

O nosso país é um celeiro de mulheres inteligentes em todas as áreas intelectuais, com nomes expressivos nas ciências exatas, nas ciências humanas, na música, na pintura, notadamente, na literatura, como Adelaide Guimarães, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Joyce Cavalcante, Cora Coralina, Adélia Prado e tantas outras sumidades das letras que ainda não tiveram o reconhecimento popular e o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, porém, a genialidade, o talento e o dom dessas divas com a articulação da palavra e a construção do pensamento criativo são inegáveis.

A amizade e o carinho que tenho por Atir não me conduzem ao delírio, à megalomania, aos adjetivos extravagantes, às palavras irresponsáveis, às comparações fantasiosas com as nossas principais escritoras, todavia, não é exagero dizer que Atir, a cronista, possui uma facilidade, um jeito novo de escrever e brincar com as palavras, os seus textos são claros, inteligentes e bem humorados.

Quando eu a conheci, ousei-me sugerir-lhe que diminuísse nas suas crônicas o excesso de citações e referências acadêmicas e desse mais curso ao seu pensamento e a sua criatividade. Hoje, os seus textos semanais, publicados no jornal A, são mais personalizados, ela imprimiu o seu estilo inconfundível, eles trazem sua marca.

Amante das letras, apaixonado por todos os gêneros literários, fraco escrevinhador, invejo a facilidade que ela tem de colocar as palavras no papel. Não é uma inveja mesquinha, pecaminosa, egoísta, é mais um mistura de impotência e admiração, se possuísse o seu talento, decerto, não me estrebucharia, agora, para escrever suas potencialidades de escritora, dizer-lhe que desejo muito sucesso e continue escrevendo e divulgando no dia-a-dia, amizade, paz e amor entre os homens.

Autor: Rilvan Batista de Santana.

Gênero: Crônica.

### A eterna juventude

R. Santana

Adolescente, eu li uma parábola intitulada: “Reformador do mundo”. Não me lembro se de Viriato Correia, Emílio de Menezes, Gregório de Matos, La Fontaine, Aristófanes, Esopo... não me lembro o nome, sei que foi um desses pensadores satíricos, humoristas, dramaturgos ou coisa que o valha, sei que não me lembro quem colocou no papel essa história do homem insatisfeito com a criação e a natureza: - Reformador do mundo.

Hoje, pensando também em reformar o mundo, recorri ao Google, enciclopédia virtual, para escrevinhar esta crônica e não ser taxado de plagiador do pensamento alheio e declinar aqui, o prenome, o nome e o sobrenome do homem que teve a coragem de dizer ao Criador que sua obra



teve alguns senões ou que por sua natureza infinita, o homem não conhece os seus desígnios e, acha que as coisas poderiam ser diferentes (impossível à sabedoria finita entender a sabedoria infinita), mas para surpresa minha, o Google também o ignora, deita, somente, Paulo Barbosa, que enviou o texto “Reformador do mundo”, mas como todo veículo de comunicação que se preza, ressalva: “autor não mencionado”.

Deixemos de conversa mole, de blá-blá e vamos ao que interessa: reformar o mundo! Leitor, já pensastes como a velhice é cruel? Se tu fores jovem, no frescor da vida, ainda verdinho, queimando óleo 20, tu não darás conta do fardo que Deus deixou para o seu filho nos seus últimos dias de vida. Porém, se tu olhades para os seus avós ou para o seu vizinho idoso ou da “melhor idade”, ou da “juventude acumulada” (quaisquer que sejam os eufemismos), da direita ou da esquerda, verás que a idade da experiência, da sabedoria, da juventude acumulada (diz o otimista), é a idade da dor aqui, dor acolá, insuficiência cardíaca, insuficiência renal, mal de Alzheimer, mal de Parkinson, diabetes, é a idade do “junta”, junta tudo que não presta num pobre mortal!...

Por isso, resolvi deitar umas idéias no papel e enviar para o nosso Criador. Quem sabe se no próximo dilúvio ou quando essa geração arder na fogueira eterna, na fogueira do inferno e outra geração criada Ele atenderá o meu pleito!... Leitor, não seria interessante se nascêssemos velhos e morrêssemos novos? E a vida não fosse essa bagatela! Que significam vinte, trinta, cinquenta, sessenta, setenta, cem anos de vida diante da eternidade do tempo? Nada!...

Se tu, filho de Adão e Eva, achardes que estou amalucado, adoidado, pinel do juízo, digno de uma camisa-de-força, dir-lhe-ei em cima da bucha que não somos piores que Matusalém, Noé, Adão, Abrão, Sara, que viveram novecentos, oitocentos e não menos do que duzentos anos de vida!...

Se tu, jovem leitor, cheio de ciência na cabeça, tu argumentares que o ano daquela época não tinha trezentos e sessenta cinco dias e algumas horas, que não havia relógio, dia era uma coisa, noite outra, que não havia ano solar, deveria haver ano lunar para plantar e colher, que não havia calendário de doze meses, trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas, que Deus não fez o mundo em sete dias de vinte e quatro horas; direi que tens razão em parte,

mas contra-argumentarei que os egípcios, os gregos, os israelenses, os fenícios, os medos e outros povos antigos tiveram os seus calendários e muito que se escreveu na Bíblia não é diferente dos tempos de hoje, que o tempo de Deus é infinito, que o tempo do homem é finito, portanto, Matusalém, Noé, Adão, Sete, Caim, Enos, Mahalalel os primeiros homens de Gênesis e que Adão foi pai aos cento e trinta anos e Matusalém aos cento e oitenta e sete anos, chego à conclusão que tudo é um grande mistério e mistério não se discute se aceita, mas continuarei achando que a nossa vida é uma merreca e Deus poderia ter sido mais complacente e ter invertido o tempo biológico do homem.

Que gostosura caro leitor se:

- Compadre, quantos anos têm esse menino?

- Ele está beirando 150 anos, compadre!

-Ele já tirou os dentiqueiros, compadre?

-Ainda não!

-E Francisco, o seu mais novo?

-O Chico tem 350 anos e sua mulher 320 anos, é um casal jovem, tem muito pela frente!...

-Compadre, daqui a 500 anos, eles estarão bem mais moços!

-Se puxar ao avô, vai viver mais de 1000 anos!...

Tu entendeste agora, a minha reivindicação ao Criador? Se nasceria biologicamente velho, com as enfermidades de velho e se morreria novo, bonito por fora, bonito por dentro e alma rejuvenescida, uma evolução às avessas de Darwin...

Se Ele me ouvir, se me deixar reformar o mundo, daqui a um milhão de anos, eu quero voltar pra Terra. Se Deus não me ouvir, que Ele me perdoe em sua bondade infinita, não é ingratidão de criatura, mas dispenso-Lhe essa merreca de vida, preferirei ser barro, ser matéria, ser pó, do que morrer pelancudo, buchudo, brocha, esclerosado, caquético, abestalhado, desfigurado, fazendo xixi nas calças e cagando na cueca!...

Autor: Rilvan Batista de Santana    Gênero: Crônica

P.S: Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](#). Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, desde que seja dado crédito ao autor original (você deve citar a autoria). Você não pode fazer uso comercial desta obra e não pode criar obras derivadas.

Agostino Benedetto

R. Santana

Leitor amigo, eu não poderia furtar-me de te contar esta história. Às vezes, tu pensas que fabricamos histórias do nada, que nós contadores de causos, os inventamos, não é verdade, todavia, tendes razão quando dizes que quem conta um conto aumenta um ponto ou que todas as histórias já foram contadas, mas, nós escrevinhadores, somos mordidos por um bichinho escritor que nos empurra para o papel para escrever uma nova história ou contar uma nova história velha.

Agostino Rossetti Amadio era o seu nome, mas todos conheciam-no como “Agostino”, para aqueles que têm dificuldade com a língua chamavam-no: “Agostinho”.

Quando o conheci, ele já era um homem de meia idade, porém, o seu bom humor e a sua perene alegria não lhe davam marcas de expressão carrancuda, com rugas faciais, cara emburrada, não, não era o jeito de ser de Agostino, ele era vida, vida feliz, alegria, não alimentava tristeza e se os céus caíam em sua cabeça, fazia do seu infortúnio uma lição de vida. Não tinha a resignação de Jó, mas herdara de Jó a paciência para solução dos seus problemas existenciais.

Não se sabia muito de sua vida passada, o pouco que se sabia é que era de origem italiana e nascido no interior de São Paulo. Quando algum abelhudo da vida alheia futucava o seu passado, ele jocosamente se saía, deixando o impertinente deslocado:

-Meu filho, você é padre ou juiz?... – dava uma sonora gargalhada sem esperar resposta.

Ele não fumava e quase que não bebia, salvo, dois dedos de jurubeba na hora do almoço para “abrir o apetite” e “desintoxicar o fígado”, justificava. Comia nos restaurantes da vida, não tinha mulher, nem filhos. Costumava sacar no bolso do paletó uma maçã enrolada num papel pardo e da cinta um canivete e fazia o seu breakfast matutino, não gostava de café. À noite, gabava-se não dormir sem antes comer um gostoso cuscuz embebido no leite e uns tacos fritos de charque ou carne cozida.

Agostino não possuía inimigo, também, não cultivava amizades especiais, todos eram seus amigos, ele gostava do enxame das ruas, dois dedos de prosa no botequim da esquina, mas gostava demais da solidão de sua casa e afora uma negra velha que cuidava da faxina de sua casa de quando em vez, nenhuma outra alma vivente o visitava.

Sobrevivia como aposentado, porém, suas constantes idas e vindas à capital baiana, intrigavam-no...

“Agostinho” para os mais simples, não tinha lustre intelectual, mas transbordava em perspicácia e sabedoria, guardo ainda hoje, os seus ditos: “quem moço não morre, velho não escapa”; “a corda só quebra no lugar mais fraco”; “o que seria dos sabidos se não fossem os bestas”; “amor é uma flor

rocha que nasce na cabeça do trouxa”; “comida boa é fome”; “quem Deus prometeu vintém não dá dez-réis”; “mulher de amigo meu é homem”; “quem nasceu pra tatu, morre cavando”; “mulher feia sossega marido” etc. Agostino não era o autor intelectual destes aforismos, mas dizia-os com precisão e oportunidade.

Quando faleceu no ano de 1989, lúcido, porém debilitado pela idade, deixou todos boquiabertos, é que o velho Agostino Benedetto era dono de uma formidável fortuna em títulos de capitalização fixa, poupança, vários imóveis de aluguel na cidade de Salvador e no interior do estado, geridos pela imobiliária W&Silva, condicionada deixá-lo anônimo.

A surpresa e o espanto cederam à admiração e ao mito, pois o velho Agostino Benedetto, muitos anos antes de morrer, tinha alienado os seus bens à Fundação Beatrice Gaia Rossetti Amadio – BGRA.

Conhecia como ninguém a alma humana, suas vicissitudes e suas qualidades, por isto, sua fundação foi criada quase nos moldes da Fundação Nobel, do sueco Alfred Nobel: suas receitas premiam anualmente, os cinco projetos sociais do estado de mais desenvoltura, avalizados por expertos analistas sociais.

O desprendimento, o estoicismo, a simplicidade, o anonimato e a solidariedade, representam o maior legado de Agostino Benedetto, sua fundação, hoje, representa um grão de areia num mar de necessidades, mas o seu exemplo é perene.

Enfim, leitor amigo, não é um conto da carochinha, é uma história parecida com tantas outras, para mim, ela é mais significativa, eu o conheci e estou gozando do privilégio de lhe contar.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: conto.

## A trama da vida

R. Santana

### I

O salão fúnebre da Funerária Santa Fé ficou pequeno pela aglomeração de parentes e amigos a velar o corpo de Carlito, vítima fatal de um assaltante, naquele momento, ainda não identificado e preso.

Carlos André Almeida nos documentos e Carlito para todos, era casado há pouco mais de um ano e o destino lhe foi ingrato não deixá-lo ver o filho nascer que por coincidência não explicada, nasceu na madrugada do seu passamento.

Diz o povo que Deus não chama para o seu seio os maus, mas os bons, no caso de Carlito, justificam-se os dizeres populares e Carlito naquela hora,

deveria estar nos braços de Jesus Cristo para que os seus amigos e parentes aceitassem sem desespero esse acontecimento funesto.

Amigo de todos, ótimo filho, irmão exemplar, marido incomum, não merecia aquele trágico fim, menos ainda, não ter visto o seu filho chegar ao mundo, vê-lo andando pela casa traquinando, vê-lo balbuciar as primeiras sílabas e chorar de birra nos braços da mãe, rejeitando a mamadeira e querendo peito, decerto, o mundo lhe pregou uma maldade através de uma mão criminosa.

Carol, sua jovem esposa, estava no mês de parir, não obstante faltarem alguns dias em seu calendário pra que ela desembuchasse o rebento, o choque da morte do marido e companheiro, rompeu-lhe a bolsa, precipitou-se o parto, e quase semiconsciente, em estado de choque, foi levada às pressas para maternidade e deu à luz.

Jovens brincalhões, afáveis moleques, conquistavam com facilidade o mais recalcitrante sisudo. Sua Casa sempre de portas abertas nos finais de semana e dias festivos. Eles pareciam viver uma eterna felicidade e se algo não lhes ia bem, não estragavam o ócio dos amigos ou vizinhos com queixumes, se a necessidade insistisse, no máximo, recorriam às suas famílias.

Domingo era o dia do Senhor. Cedo ainda, de braços dados, eles desciam a Rua 15 Novembro até a Igreja Nossa Senhora das Graças, Lhe prestar culto e amor.

Eram requisitados pra aqui e acolá, mais que bouquet de noiva pelas solteironas... Carlito e Carol gostavam das benesses da vida e Carlito mais do que Carol, ambos mais do que muita gente.

## II

A miséria é filha da pobreza e neta da necessidade. O pobre é aquele que não perde de vista o supérfluo ou o sonho sem deixar de perseguir as condições necessárias para sua subsistência. O miserável é aquele que além de não sonhar, não tem supérfluo, perdeu a vontade de lutar, perdeu a esperança e a vontade de viver, para o miserável não existe projeto.

Clô tinha prendido Kaka pela beleza. Bonitona, traseiro reforçado, airbag grande sem ser exagerado, cor de canela, cabelos ruivos, altura mediana e rosto suave. Não era casada no papel com o bonitão Kaka, mas depois de três filhos e cinco anos comendo farinha juntos, é como se fosse casada.

Kaka também não era de se jogar fora, além de ser amigo, esportista, bom papo, inteligente e sociável. Há dois anos, ele e Clô vinham passando dificuldades de sobrevivência, depois que Kaka perdeu o emprego e, na esteira do desemprego, a doença do filho mais novo.

Juninho, ultimamente, não passava uma semana que não fosse levado às pressas a postos de saúde e hospitais com problemas de saúde. Juninho chegou ao mundo doente após um parto sofrido e prematuro parto de Clô. Desde os primeiros meses, ele não dava trégua às farmácias e aos bolsos sofridos e esgotados dos seus pais. Vulgarmente, dir-se-ia que o último filho de Kaka e Clô fosse uma rapa de tacho por ser o último - Clô ligou com o nascimento do filho caçula.

Naquela tarde, o garoto teve mais uma crise, levado ao posto de saúde mais próximo, receitado e medicado, voltou para casa com uma receita para que os pais providenciassem os remédios e dessem curso ao tratamento.

### III

Sexta-feira, final de semana, noitada promissora, barzinhos superlotados, música ao vivo e mecânica, boates concorridas, era o cenário que se desenhava na cabeça de Carlito. Porém, naquela semana, ele e Carol tinham decidido não curtir as noitadas e ficarem em casa, pois, Juninho – nome escolhido por ambos - já dava mostras de impaciência na barriga da mãe, não tardaria ele botar a cabeça pra fora e saltar para o mundo...

Carlito ficou preso, depois do expediente, às obrigações daquele dia, por conta de uma sobra de caixa. Funcionário do Banco – X, empregado responsável, metucioso, não deixaria o banco enquanto não descobrisse o erro, procedimento comum quando a necessidade surgia.

Às 20h: 45m, daquela fatídica sexta-feira do ano 2000, do mês das noivas, quando Carlito deixou o banco. As ruas do centro de Itabuna começavam ficar erma e despovoada, salvo, o movimento dos carros com os



seus faróis cuspindo luz, vez ou outra se encontrava uma viva alma, com exceção dos moradores de rua que se encontravam aos montões deitados nos passeios das marquises enrolados em trapos, geralmente, moleques e bebuns, quando a entrar num beco de uma rua estreita, Carlito é colhido de surpresa por um homem que lhe cutuca as costas com um revólver:

- Passe a carteira!!! – Carlito adquire força para adverti-lo:
- Cuidado, companheiro, a polícia faz ronda aqui!
- Deixe de conversa mole, passe o dinheiro!
- Calma, tome a cart...– Carlito pressentiu que o homem tremia, reagiu...

#### IV

Kaka chorava abraçado ao corpo inerte do filho. Não o vira partir, o remorso corroia-lhe a alma, culpava-se por não ter trazido a tempo os remédios. Clô ao seu lado, minimizava o seu sofrimento, usava as palavras mais confortadoras, inclusive, dava-lhe como exemplo sua dor de mãe e acrescentava que ninguém tinha culpa de nada, vontade de Deus, assim ou assado, fora dado toda assistência médica ao moleque. Ele, Kaka, não poderia culpar-se por não ter comprado os remédios imediatamente, conhecia e partilhava de suas dificuldades financeiras dia-a-dia, e, não obstante ele está desempregado algum tempo, virava-se como podia para que ela e os filhos tivessem o mínimo pra sobreviver.

#### V

A polícia foi rápida na identificação do suspeito. Todo crime é chocante, porém, a covardia do crime do bancário revoltou a sociedade itabunense e os meios de comunicação ecoaram de imediato esse clamor social a vítima ainda insepulta.

#### VI

Clô desabou... Os amigos e vizinhos de Kaka ficaram estupefatos e confusos quando a polícia adentrou sua casa e o algemou, causando tumulto, não respeitando as pessoas presentes e as circunstâncias fúnebres.

Houve um pálido movimento de reação, mas tudo voltou ao normal quando o delegado informou aos circunstantes, os fortes indícios que apontavam Kaka como o criminoso do bancário Carlito.

Uma semana depois, o jornal “O Matutino”, trouxe em sua página principal a triste manchete com letras graúdas:

“KAKA SUICIDA-SE E PEDE PERDÃO...”

A página policial completava a manchete da primeira página esclarecendo que o principal suspeito deixou um bilhete pedindo perdão à família de Carlito, que não queria matá-lo, foi um acidente, tinha sido vítima da necessidade, das circunstâncias, dos homens, da trama vida...

Para consolo da viúva (se fosse possível consolar-lhe), lembrava-lhe que ela perdera o marido, mas dera à luz Juninho e faria sonhos acontecer, enquanto Clô perdera Juninho, lhe perderia, herdaria necessidade e sofrimento e não faria os sonhos acontecer.

A pobreza é romântica no coração dos ingênuos e dos incautos. Porém, ela tira oportunidades, separa pessoas, destrói sonhos e inviabiliza projetos.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Conto (registrado)

Itabuna (Ba)

Itabuna, 09 de junho de 2008.

À

Dra. Adriana Vandoni Curvo:

Preclara Senhora:

Doutora Adriana, como é importante vivermos num país em estado democrático e de direito! Onde há liberdade de expressão e as liberdades

individuais são preservadas e depois das 18 horas, o mais vil assassino é respeitado em seu domicílio! E, as pessoas podem atingir a honra de um presidente da República e nada lhe acontece!...

Recebi o seu artigo intitulado: “Presidente, vá se foder!”, acrescido de sua biografia de professora de Economia e especialista em Administração Pública pela FGV/RJ e um pedido em letras maiúsculas em vermelho para passar o e-mail adiante, não o fiz (os incautos poderão fazê-lo), e não o farei não que discorde do cerne do seu pensamento, que não seja mais um brasileiro descontente. Mas, com a devida vênia, discordo da pobreza de argumento do seu texto sem falar nos termos chulos e desairosos usados.

Não sou do PT, nunca fui eleitor do Sr. Luis Inácio de Silva, não pelo fato dele não ser intelectual (eu também não sou intelectual), mas por não gostar das atitudes xiitas do seu partido e do seu proselitismo demagógico.

Todavia, como brasileiro e respeito às instituições, em particular, a instituição da “Presidência da República do Brasil”, chamá-lo de cachaceiro e usar termos de baixo calão, obsceno, atitude assim, não contribuirá para elevar as exportações, para melhorar o nosso poder aquisitivo, para reduzir a inflação, para diminuir o desmatamento, melhorar o meio ambiente, reduzir a fome e a miséria, ao contrário, atitude desrespeitosa assim, servirá para denegrir o nosso país perante o mundo e continuarmos com a pecha e o estigma de povo subdesenvolvido e atrasado.

Acredito que com sua formação intelectual, a senhora poderia contribuir com projetos na área econômica que atendessem aos anseios e às necessidades do povo, projetos na área energética que dentre em breve será o calcanhar de Aquiles de todas as nações pela diminuição dos recursos naturais, projetos para triplicar a produção de alimentos etc. e etc. Mandar um chefe de estado “se foder” é nivelar-se às pessoas mais rudes e mais grotescas que não tiveram os princípios mais ínfimos de educação, polidez e civilidade.

A crítica humorada e inteligente sempre permeou na imprensa, nas charges, no pasquim, nos tablóides, em todos os governos e em todas as épocas. Muitas dessas críticas serviram para mudar o rumo da nossa história de pátria, de liberdade. Quem não lembra do chamamento do “último exilado” de Jô Soares? Críticas sutis e ardilosas que dobravam qualquer ditador de

plantão, mas falar de “algumas doses” e da moral de um presidente e sua família, é mais do que “simplesmente corajosa”, é leviandade de expressão e falta de respeito ao cargo supremo do país.

Viva a democracia e o estado de direito!!!

Atenciosamente,

09. 06.2008

Rilvan Batista de Santana

<http://saber-literario.com>

Gostei do seu último artigo

Gostei do seu último artigo o “condão” dos marqueteiros e notei que você tem mais segurança nesses textos de natureza de jornalística, mais do que nos textos de natureza literária. Não que não haja talento nos seus textos literários, porém, lhe achei mais dona si, menos superficial e mais desenvolta nesse último artigo do AGORA.

Você teceu tão bem o trabalho de Marketing em que um corrupto como Collor de Melo seja transformado em pouco tempo, num caçador de marajás.

Além disso, você enxerga a necessidade da transparência, que o processo democrático se faz com a discussão contrária de idéias.

O seu feeling nesse artigo está mais apurado e quero registrar que dentre pouco tempo suas crônicas estarão nos principais jornais do país.

Não sei se lhe fui útil, mas depois que você abandonou os “PS”, os seus textos estão a níveis profissionais.

Mudando de alhos pra bugalhos, não sei o que lhe fiz para tanta indiferença, mandei-lhe um mundo de e-mails e mensagens e tive o silêncio como resposta. Será que eu sou tão pérfido assim? A vida nem sempre nos oferece benesses, temos frustrações, desencontros e incompreensões... Quê bom se as flores fossem só perfume e os seus galhos não tivessem espinhos para nos furar?...

Gostaria de ter sua compreensão, mas respeito sua atitude e desejo-lhe que encontre o caminho da felicidade. Para mim, tê-la como amiga seria uma dádiva e mais que amiga, seria a ventura que ainda não tive.

Continuarei o seu leitor, entretanto, não sei se continuarei metendo o nariz onde não fui chamado, a inconveniência é um pecado social e não quero mais um pecado, senão, não entro no céu, pois os tenho demais...

07.06.2008

Rilvan

Irmã Dulce, o Anjo Bom da Bahia.

R. Santana

No próximo dia 26 de maio, deste ano de 2009, ela iria completar 95 anos se viva estivesse, mas se nos deixou não faz muito tempo e foi para junto de Deus, os seus feitos, suas obras, o seu exemplo de despojamento material, o seu exemplo de fé, suas ações de caridade, sua vida entregue aos marginalizados, aos pobres que não tinham voz nem vez permanecem e permanecerão perenes.

Poucos a conhecem pelo nome de Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes que recebeu na pia batismal, porém, todos a conhecem por Irmã Dulce

de doçura, delicadeza, afável, bondosa e meiga e mais ninguém, neste país continental, foi tão doce, tão dada e tão dedicada à causa dos necessitados.

Moleque ainda, eu li um artigo na Reader`s Digest sobre a Irmã Dulce que me impressionou. Naquela época que não havia computador nem Internet, a revista que trazia as informações em texto condensado, do mundo científico, filosófico, personagens históricos, informações militares e textos lúdicos, era a revista Reader`s Digest. A Digest representava a revista Veja dos dias atuais. Hoje, a Reader`s Digest é lida somente por alguns aficionados do passado e alguns jovens intelectuais e militares das nossas Forças Armadas, porém, é sabido que a Reader`s Digest é uma revista lida em mais de 70 países e vinte tantas línguas.

Nesse artigo, um importante diretor da GM internacional, relatou sua experiência com a Irmã Dulce quase que se desculpando, envergonhado, por não lhe ter atendido em suas reivindicações e quando visitou in loco os barracões improvisados da freira que aproveitava qualquer espaço que lhe era oferecido para colocar os seus pobres e os seus miseráveis, que ela os recolhia à calada da noite, nas calçadas, nos becos e nas ruas de Salvador, penitenciou-se com um “mea culpa” pública.

O filho da terra do Tio Sam, ainda teceu em seu artigo na Digest, sua ilimitada admiração pela freirinha, raquítica e baixinha, uma pessoinha frágil, mas de indômita força interior, de vontade inquebrantável, que a despeito de todas as suas dificuldades físicas e materiais, entregava-se à caridade e ao amor dos seus semelhantes necessitados.

O ilustre ianque discorreu que não obstante o estado precário das instalações que a Irmã Dulce utilizava para abrigar os meninos de rua, os jovens e os velhos, todos eram assistidos com banhos, roupas limpas e refeições diárias e muito amor.

Tinha 13 aninhos quando a contragosto do Dr. Lopes Pontes, o seu pai, ela tentou entrar no Convento do Desterro mais foi recusada pela idade, mas desde essa época, Maria Rita se dedicava às práticas de caridade nas ruas de Salvador, assistindo aos doentes, aos velhos e aos jovens abandonados. Nessa idade, fervorosa na fé, rezava diuturnamente, ao contrário de Madre Tereza de Calcutá que pedia a Deus um sinal, Maria Rita, foi mais humilde,

pediu a Santo Antônio, o seu santo de devoção, que lhe desse um sinal e o sinal lhe foi dado.

Aos 18 anos de idade, depois que concluiu o curso de magistério, curso perseguido por todas as moças da classe média do seu tempo, ao invés de assumir uma escolinha, casar e ter filhos, ela entra na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, no Convento do Carmo, em São Cristóvão, Sergipe e seis meses depois é freira, dois anos depois, faz sua Profissão de Fé e volta para Salvador e começa sua caminhada de caridade, de entrega e de amor.

Foi a única religiosa no Brasil que o papa João Paulo II tomou a iniciativa de visitar quando esteve aqui pela sua dedicação aos filhos da pobreza e da miséria.

A obra social da irmã Dulce é significativa, além do Hospital Santo Antônio, capacitado para atender mais de mil pacientes/dia, ela fundou o Centro Educacional Santo Antônio (CESA), que abriga mais de 500 crianças na faixa etária de 3 a 17 anos e o Círculo Operário da Bahia que uma escola profissionalizante e atividades recreativas e culturais.

A Irmã Dulce nasceu no ano da I guerra Mundial, mais nova quatro anos do que Madre Tereza de Calcutá, da mesma estatura moral da religiosa albanesa, naturalizada indiana, a nossa Irmã Dulce ainda não teve o reconhecimento do mundo quanto à madre indiana. Madre Tereza em vida foi agraciada com o Nobel da Paz e o Templenton Prize.

Agora, em janeiro de 2009, 17 anos depois de sua morte, é que o nosso Anjo baiano foi reconhecida pela Congregação da Causa dos Santos da Igreja Católica, como “Venerável”. Em abril, o papa Bento XVI, a reconheceu por decreto, suas “Virtudes Heróicas”, mas até ser beatificada e santa haverá uma longa caminhada, talvez, seja este o desejo da Irmã Dulce lá nos céus, ser reconhecida apenas como o “Anjo Bom da Bahia” e não “Santa Irmã Dulce”!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Crônica.

10.05



## Júri Inesquecível

R. Santana

Não me lembro o ano, guardo os fatos, mas não gosto de guardar as datas, lembro que era muito jovem quando assisti pela primeira vez um Tribunal de Júri. Fui tangido pela curiosidade, não pelo desejo que o réu fosse condenado ou absolvido, para mim era de somenos importância. Fui atraído mais pelo culto da cerimônia, pela toga do juiz, pelo libelo dos advogados e do promotor, pelas réplicas e pelas trélicas, pelos discursos inflamados da defesa e da acusação e acima de tudo pelos recursos retóricos e artifícios que os profissionais do direito usam para transformar o mais cruel criminoso num santo ou o mais pacato cidadão que por infortúnio cometeu um crime no mais vil e desalmado criminoso.

Naquela época, a televisão era privilégio de poucos mortais do Rio e São Paulo. Rádio era a única coqueluche da comunicação e do entretenimento do interior deste país continental. Vídeo game, site, blog, celular e Internet, nem Júlio Verne, o mais celebrado escritor de ficção científica dos tempos modernos, não foi capaz de preconizá-los nos seus livros, portanto, assistir uma sessão de júri, representava um evento inesquecível e prazeroso.

Dr. Raimundo Lima não era doutor, não era nem bacharel em direito, Raimundo Lima era um rábula de nomeada perspicácia e inteligência, mas amigos e inimigos, simpatizantes e não simpatizantes, chamavam-no e o consideravam doutor, inclusive, os mais festejados intelectuais e magistrados da nossa Comarca, daquela época.

Quando o conheci, ele já beirava os seus cinquenta anos de vida, transpirava saúde e disposição. Desleixado, terno surrado, gravata desalinhada, botões no paletó sem função, bolsos laterais do paletó abarrotados de coisas, cabelos curtos penteados sem muito esmero, não cultivava barba ou bigode, alto, compleição robusta, voz de barítono prejudicada pelo fumo, simpático sem ser bonito, Dr. Raimundo Lima, no salão do júri, na defesa de um pobre diabo ou de um réu de recursos, era imbatível!...

Derrotou muitos colegas de diploma e anel nas salas dos **judices juratis**, não somente, pelo conhecimento do Direito, mas pelos artifícios, pela retórica inteligível, pela representação cênica que dava aos fatos em benéfico do acusado, mas acima de tudo, pela criatividade e factóides que era capaz de produzir.

Não possuía diploma e anel de bacharel em Direito, sem nenhuma formação acadêmica, sem regularidade escolar, era um autodidata, tinha obtido nos anos quarenta, Provisão do Poder Judiciário para exercer a advocacia, todavia, não se pode empanar sua genialidade e sua erudição, reconhecemos hoje, o seu exemplo, o seu legado, a sua contribuição jurídica e política, é um tributo à sua memória e um resgate de um personagem da história itabunense que não deve ser esquecido ao longo do tempo, pois além de advogado, Dr. Raimundo Lima foi vereador em várias legislaturas e exerceu interinamente, a nossa prefeitura por meses.

Que o leitor me conceda um parêntesis:

A sociedade não é estática. Desde Augusto Comte, Durkheim e outros sociólogos positivistas, nós aprendemos que os fatos sociais são mutáveis e relativos e os fatos jurídicos não fogem à regra, o que é proibido hoje, amanhã é permitido, a conduta do homem é que permeia e norteia as leis.

Os gregos criaram os Tribunais do Povo, os diskatas, Sócrates foi condenado beber cicuta por um desses tribunais, cujo crime maior foi ter corrompido a juventude do seu tempo com novos conhecimentos. Naquela época, o tráfico de influência entre os juízes e a política já influíam nas sentenças.

Os ingleses, os germânicos, os franceses, os romanos, cada um do seu jeito, fizeram dessa instituição do júri, o instrumento, para julgar os seus cidadãos, principalmente, os crimes de bruxaria, os crimes místicos, com a tutela da Igreja Católica, ao invés de sete juízes da sociedade, escolhido entre os mais probos, eram escolhidos doze jurados, número de apóstolos escolhido por Jesus Cristo.

Em nosso país, essa instituição surgiu ainda com D. Pedro, em 1822, para julgar os crimes contra vida, nos moldes da tradição romana na quantidade de juízes da sociedade. Atualmente, essa instituição é representada por sete homens de conduta ilibada, extraídos de um grupo de 300 ou 500 pessoas, de uma triagem de 21 cidadãos.

Vejo nessa instituição tradicional um modelo esgotado. A sociedade, hoje, requer além de conduta ilibada dos jurados, sensibilidade, postura crítica, discernimento e compromisso. A sociedade exige que esse modelo seja extinto ou aperfeiçoado com pessoas qualificadas tecnicamente e um número maior de jurados, imunes à retórica fluente e aos artifícios dos bons profissionais do direito e imunes à corrupção.

É do conhecimento do mais simples cidadão, as injustiças cometidas por esses tribunais quando o réu é pobre e o jeitinho que esses tribunais encontram para beneficiar os mais aquinhoados socialmente e quanta vida tem sido destruída em nome da justiça e de uma falsa isenção.

Parêntesis fechado, que os profissionais do direito, os renomados juízes, os legisladores e os mais proeminentes cidadãos políticos ouçam a voz do povo.

Eu e você, meu caro leitor, voltemos ao inesquecível rábula e puxando o fio da meada, aos fatos que deram origem ao nosso texto e ao título: “júri inesquecível”, porém, juro que não lhe trarei prejuízo de tempo e dinheiro se acrescentarmos alguns fatos pitorescos vividos pelo saudoso Dr. Raimundo Lima em sua longa trajetória política antes dos finalmente.

Homem correto, coração enorme, sensível, avesso à ingratidão e aos ingratos, pavio curto, certa feita encontrou-se com um velho conhecido que ele tinha tirado da cadeia. Pela intimidade, pela confiança, pediu-lhe o seu voto para vereador. O indivíduo mostrou-se prestimoso e solícito. Mas, receoso, disse-lhe que havia um senão, é que sicrano e fulano, velhos conhecidos, amigos no infortúnio, eram também candidatos à vereança, por isto, ele, eleitor, iria colocar os três nomes no bozó e o premiado seria o seu candidato. O velho causídico sempre com os nervos a flor da pele, sugeriu que o ingrato eleitor, colocasse no bozó a mãe dele e não o seu nome e foi embora bufando...

Prefeito interino de Itabuna, foi um dos primeiros chefes do executivo municipal, nos finais dos anos sessenta, que criou um programa de rádio, nos moldes do programa de rádio do presidente Lula. Um programa interativo, o povo participava. Tudo transcorria bem... Dr. Raimundo Lima dava conta do que estava fazendo do que ia fazer, quanto aplicou em obras, saúde, educação etc, etc. Idéia nova, administração transparente e compartilhada, o prefeito crescia dia-a-dia no coração dos munícipes, mas, a oposição perdendo terreno eleitoral, conhecia o seu temperamento impulsivo, o seu descomedimento de linguagem, telefonava-lhe com críticas desairosas, aí, o velho prefeito respondia ao seu interlocutor com impropérios e xingamentos.

Conta-se que o matreiro advogado curtiava uma pescaria nos finais de semana com os amigos de pinga e do tabaco. Numa dessas pescarias, levou no embornal, uma marmitta com uma gostosa galinha a molho pardo. Meio dia, o velho político preparou um fogo pra esquentar sua depenada e foi dar uns mergulhos no rio para abrir o apetite e espantar a inhaca, a morrinha, porém, quando voltou, “os amigos da onça” haviam comido sua galinha, deixando somente, as asas, os pés e alguns ossinhos descarnados. Dr. Raimundo Lima conteve-se, comeu o resto do seu fausto cardápio temperado de raiva e frustração e lhes preparou o troco. Algum tempo depois, convidou esses “amigos da onça” para outro passeio e na beira do rio entre um gole de

cachaça e uma boa baforada de fumo de corda e alguns minguados bagres no cesto, matreiramente, deixou lá o seu cardápio à disposição dos seus “sagazes amigos” e foi tomar um gostoso banho, quando voltou, encontrou o que esperava: as asas e os pés... Irritado de mentirinha, gritou: “Quem comeu o meu urubu?” E, para justificar-lhes que o “animal bípede” no dizer do grego Diógenes, era um urubu, mostrou-lhes as penas. Só não vomitaram os bofes...

O salão repleto de cadeiras dobráveis e envernizadas, em frente, a mesa do juiz, assessorado por um escrivão, o promotor de justiça, nas laterais, as mesas do advogado de defesa e acusação e, no centro, o réu. O cenário fiel às tradições forenses, para mim, jovem imberbe, aquilo era um santuário da justiça, uma arena da lei, de um lado, o gladiador Wally Lima, imbatível promotor; do outro, a raposa dos tribunais de júri, o não menos imbatível, o rábula Raimundo Lima, ou melhor, Dr. Raimundo Lima.

Escolha dos jurados, nomes rejeitados pelos advogados, nomes aceitos, tudo nos conformes, instalou-se a sessão naquela manhã no fórum Ruy Barbosa, na cidade de Itabuna que culminou quase 72 horas depois.

Um crime passional cometido por uma pessoa do povo, um tal José Carlos dos santos, trabalhador rural, conhecido na roda de amigos e inimigos por “Caxinguelê”, um pobre diabo, sem eira e nem beira, mas patrocinado pelo dono da fazenda. Soube-se ainda na leitura do processo que não era má pessoa. Pai de 8 filhos menores, matou a companheira por ciúme e bebedeira.

O auditório ficou superlotado. Não havia provas robustas que a vítima tivesse traído o marido. Algumas testemunhas: “ouvir dizer...”, “viram-na com papo...”, “bebendo juntos...”, mas nenhum flagra sexual efetivo, nem uma simples troca de beijos, ou, “mão naquilo” e “aquilo na mão”.

Todo crime é condenável, mas aquele crime não passaria de mais um crime de somenos importância para sociedade itabunense se não houvesse o matreiro Raimundo Lima de um lado e o intelectual promotor Wally Lima do outro, enfim, uma briga de egos com platéia garantida.

Processo lido, testemunhas, apartes, réplicas, tréplicas, intervalos, tudo dentro do convencional. Dr. Wally sustentou a tese de crime doloso e motivo fútil - ciúme injustificado. Carregou nas tintas, pintou o quadro de um facínora: um péssimo pai de família, um péssimo filho, um pinguço irresponsável, que torrava o dinheiro da feira com cachaça e jogo de azar. A vítima fazia o papel

de pai e mãe e, na pedra do rio, ela obtinha o sustento dos filhos lavando a roupa da patroa e fazendeiras vizinhas. Uma mulher guerreira que teve o seu primeiro filho aos 13 anos de idade com esse bruto e aos trinta e poucos anos de vida, ele ceifou-lhe a existência. O homem possuía uma retórica...

Lia-se na fisionomia da maioria dos jurados e da platéia, pela oratória rebuscada do promotor, que eles entendiam, mas não compreendiam, ouviam, mas não escutavam, raciocínio erudito, mas inútil, como um atleta esforçado, mas desprovido de talento, foi assim o desfecho da tese de acusação do Dr. Wally Lima.

No último dia do júri, o velho causídico estava inspirado, derrubou a tese do promotor, provou que a mulher traía o marido, conseguiu juntar aos autos um bilhete de um suposto amante, que o réu tinha ao seu favor toda sua comunidade, que o pobre diabo embora gostasse de tomar uma branquinha seria incapaz de matar uma mosca, menos ainda, não possuía dinheiro para comprar um revólver, que a pecha de suspeito foi em decorrência de ser o marido da vítima, que a arma do crime não foi encontrada, que no dia do crime o réu estava bandeirando cacau, testemunhas de defesa ratificaram, etc, etc, etc.

Uma mulher de meia idade, sentado na primeira fila da platéia, de quando em vez, choramingava baixinho, porém, quando o Dr. Raimundo Lima, a apontava, cobrando dos jurados sensibilidade, justiça com a mãe do pobre coitado, que os filhos da vítima ficaram sem a mãe, que algum desalmado lhe tirou a vida, mas que o Conselho de Sentença não deixasse atrás das grades o único meio de sobrevivência daquela pobre senhora (apontava a chorona) e dos seus netos.

O resultado foi uma barbada. O réu foi considerado “inocente”, por sete votos a zero. Muito tempo depois, soube-se que àquela senhora não era genitora do réu nem avó das crianças e o réu não era “inocente”.

O talento fez a diferença, in dubio pro réu...

Itabuna, 04 de julho de 2009.

Autor: Rilvan Batista de Santana .

Nóia não, meu filho!

R. Santana

1

A casa dela fica no sopé de uma encosta, em um bairro de pobre, de uma cidade grande (leitor não me peça o endereço, é uma história de ouvir-dizer), embora por fora a casa não tivesse um aspecto tão miserável, por dentro, as paredes de bloco estavam sem reboco, esburacadas, lugares ideais para Alexandro, o “Alex”, assim conhecido na roda da malandragem, esconder suas pedras de crack, papelotes, porções de cocaína e quando não abraçava jacaré numa balada de grã-finos, deslocava algumas pílulas de LSD. Foi também nesses buracos das paredes de sua baia que certa feita, os milicos flagraram essa bagulhada, para surpresa de sua mãe, numa batida inesperada.

A faxineira Matilde, conhecida de algumas casas ricas, aos troncos e barrancos, conseguiu construir o seu casebre, não era escrava do aluguel... Bom papo, amiga da vizinhança, prestativa, nordestina da gema, nos finais de

semana, pegava o busão e ia bater coxas nas casas de forró, onde conheceu e enrabichou-se pelo pernambucano Alexandro de Tonha.

. Além de Alex, Matilde teve mais quatro filhos e, se não fosse a morte prematura de Alexandro de Tonha por um colega de bebedeira, teria o dobro da molecada, pois o negro não deixava sua perereca em paz, era um danado rufião!...

## 2

Naquela manhã foi grande o alvoroço na casa de Matilde, o pessoal do Conselho Tutelar, alguns policiais e alguns bisbilhoteiros da imprensa estavam lá, movidos por uma denúncia anônima.

O babado foi barra-pesada, os milicos e o pessoal do Conselho Tutelar flagraram o nóia do Alex preso ao cadeado por uma enorme corrente. Um alcagüete, um vizinho, algum boca-mole, havia denunciado Matilde por maus tratos e cárcere privado do seu filho Alexandro.

Boca-aberta, incapaz de maldade, jamais pensou que por perto houvesse algum dedo-duro que se prestasse denunciar um ato de amor. Acorrentar o filho foi a contragosto, o seu peito doía, o seu coração de mãe sangrava, dilacerava, mas tinha sido do gosto e permissão de Alex, que lhe pedira como único recurso para não ser morto pelos traficantes e noiados na rua, dele dá um rolê, capar o gato...

Condicionou à sua mãe, que o acorrentasse junto da casa de força, não queria ajuda de ninguém no momento de despejar o barro ou lançar mijo no vaso, exigências cumpridas e satisfeitas sem dificuldade, pela pequenez do casebre.

Naquele dia, fotografada de todos os ângulos e posições, transformada num piscar de olhos, em bruxa, mãe desalmada e megera, por aquela gente de paletó e gravata, farda e coturno, vestido e salto alto, pedindo-lhe para explicar o inexplicável, citando-lhe leis e artigos, de muita monta e pouca utilidade, de muito saber e pouco resolver, muito xaveco e pouco dizer, Matilde teria mandado aqueles almofadinhas e aquelas mocréias queimarem a rosca noutro



lugar, zoar noutra freguesia, mas o seu chegada Zé Buceta e as ameaças de prisão impediram que ela mandasse os vazarem dali...

3

Dois meses depois:

-E aí véi, tudo bem?

-Tô a pampa! – respondeu-lhe Alex.

-Tô a fim dum rolo, véi!...

-Arranje um trampo, Joca!

-Só de aviãozinho, mano!

-Fulerage véi, os nóias queimaram o meu filme! – acrescentou:

-Tô na seca mano, com vontade de puxar um beck!...

-Eu tenho aqui uma muamba quer?

-Fulerage, Alé!...

-Mano quem está na seca...

-Paraguai não, mano! Vou pegar um traveco daqui a pouco e queimar...

– Alex bufou:

-Bobó só de mulher véi, tem que rolar sentimento, tesão!...

-Papo de elefante, mano! – Alex desconversou:

-Estou bolando um trampo... barra-pesada, vinte e dois... vou precisar de gente sacudida!

-Oie eu aqui mano! Sento o dedo numa boa... - Alex o interrompe:

-Si liga, Joca! Nada de presunto, use a cachola e não o dedo, véi!...

-Tá lordaço, mano!!! – irritado.

-Quer peitar os milicos, os gambés, miolo de pote!? – Joca corou.

-Mano, eu não sou mané, fique na moral... – Alex amenizou:

-Véi te considero, deixe de ser salsicha!– completou:

-É money, muito money, muita grana e não couro de rato! – Joca se animou:

-Agora, estou começando ter a moral, véi! É muito money?

-Muito!

-Pode crer, se avexe não Alé, estou aqui véi!...

-Arranje dois guapos, não quero ninguém espichando as canelas!

-Dividido por quatro, mano?

-Já lhe disse que é muito dindin, fita forte, e o entrevero pode ser barra-pesada!

-Deixe comigo Alé, conheço dois cascas-grossa de confiança. E as máquinas?

-Não se avexe, mano! – Joca muda de assunto para agradar o companheiro:

-Tem azarado a mina?

-Puro suco, style mano!... – deu uma risada e advertiu-lhe:

-Cinquenta nove, véi!

-Não se avexe Alé, pode crer!...

Alex e joca pegaram o beco, ficaram na moita uns três meses. Promessa feita, palavra cumprida, Joca conseguiu numa birosca conhecida, entre uma gel e uma biritá, arrebanhar para Alex, dois chegados, mais que chegados, dois colados, eternos devedores de sua amizade e favores.

Enquanto Alexandro matutava o seu plano, embrechava-se mais com a louraça Mary, não saía de sua casa, rolava sentimento, tesão e bem querer. Amizade de criança, prazer de adolescente e mais tarde... amor de adulto.

Mary, moça saítica, puro suco, enrabichou-se desde moleca por Alexandro, um ano mais nova, fazia dele gato e sapato, mais sapato do que gato, ia buscar-lhe em qualquer boca, destemida, até pouco tempo cabaço, jurara pra sua mãe e ia catiando para o seu bem querer, toda vez que ele ia com a mão leve:

-Assim não dar nega!!! – retado.

-Tá de chico...

-Tirando onda comigo, nega!?

-Bote fé!

Alexandro armou para lhe tirar o cabaço, dar uma, ficar e enfiar... Esperou-lhe um vacilo, aproveitou um bate-coxa de sua velha num final de semana e a levou para sua baia, lá lhe encheu o bucho de caipirinha e mais cedo do que pensou e mais tarde que pode agüentar, a loira se abriu mais do que macaxeira-batata.

Agora, sua nega estava estranha, arredia, parecendo facão, choramingando pelos cantos, de cachimbo apagado, não rolava mais sentimento, fubanga sem ser fubanga, mocréia ainda menina. Apagou-se o vulcão que lhe queimava as entranhas, não tinha mais fogo no rabo, desconfiada, exigia-lhe camisinha, não podia mais dizer “tá de chico” ; agora, Alexandro a conhecia pelo direito e pelo avesso:

-Nega, ta me fazendo de mané?

-Não paizinho, é que ando com uns sonhos...

-Sonhos?

-Sim!

-Todo mundo sonha, nega!

-Mas...

-“Mas” o quê?

-Paizinho espichando a canela...

-Tá de miolo mole nega?... Tá dando uma de mãe Creuza?...

-É que tô com medo ocê morrer, tô grávida! – Alexandro quase tem um treco...

-Verdade, nega?

-Verdade, verdadeira!...

#### 4

O quarteirão fervilhava de policiais, suas viaturas fechavam todas as ruas ao redor, ninguém entrava, ninguém saía, lá, dentro do Banco do Povo – BP, três adultos e um moleque crescido, de revólveres em punho, deixavam em pânico, em polvorosa, os clientes, os jovens, os menos jovens e os idosos, enquanto a polícia de megafone apelava e advertia-lhes para o perigo que eles e os reféns estavam expostos, não admitiam negociar, não atenderiam de forma alguma às suas exigências, que a saída, o bom senso, seria, eles libertarem os reféns e renderem-se à prisão:

-Rapazes soltem os reféns e entreguem-se, os seus direitos lhes serão assegurados!!!

-É lero-lero, atendam aos nossos pedidos!!!

O desgaste era visível, há mais de três horas, eles estavam nessa demanda: a polícia não cedia e os bandidos não transigiam e os reféns de medo morrendo...

As mães dos bandidos foram chamadas, a polícia usou os apelos da mãe do bandido mais novo, pois parecia o mais recalcitrante e que mantinha o controle dos demais:

-Filho, se entregue! Sua mulher tá grávida, você vai ser pai!...

Este último apelo mexeu com o adolescente: “você vai ser pai!...” entrou como uma lâmina afiada no seu peito. Dezesesseis anos incompletos e pai, não sonhou aquilo, não sonhou ser bandido, sonhou ser doutor ou jogador, sonhou sair daquela vida de miséria, deixou a vida lhe levar, quase não teve pai, toda vida teve mãe-pai, velha guerreira, sua heroína, heroína sem placa, anônima, mas de muita história e lição de vida, escrava e mãe de escravos ainda não alforriados duzentos anos depois, pelos mais afortunados: “merda!...” – pensou.

Novo burburinho, alguma coisa iria acontecer e aconteceu: um rapazola empunhando um 38, escondido atrás de uma jovem, rendia-se, ia entregar-se, dessem-lhe segurança, tudo estava perdido:

-Paz!!!

Porém, o seu apelo não levou um minuto, alguém escondido não se sabe onde, deu um tiro de fuzil e acertou o coração da jovem escudeira, simultaneamente, o jovem bandido atirou na testa do homem do megafone, caindo em seguida, crivado de balas!...

## 5

Duas mulheres se descabelavam em cima do corpo do jovem Alexandro Crispiniano Filho, quando um velho policial tentou confortá-las:

-Senhoras, menos um nóia, menos um criminoso na sociedade... – Matilde o interrompeu:

-Nóia não, meu filho!!! – as lágrimas caíam copiosamente dos seus rostos...

Autor: R. Santana

Gênero: conto (registrado)

## O símbolo

R. Santana

Há algum tempo que pensamos escrever sobre o valor do símbolo, o seu significado, a diferença sutil entre símbolo, sinal e signo. Não obstante ser uma tarefa difícil, abstrata, evocativa, mágica e mística, o símbolo despertou-nos interesse em relação aos demais pelo seu uso religioso, em particular, a Igreja Católica.

O sinal e o signo têm o seu significado em si, na sua representação, mas necessariamente, são desprovidos de idéias abstratas e metafísicas. Os sinais de trânsitos, as faixas do Zodíaco e os signos lingüísticos são exemplos emblemáticos. Um motorista responsável condicionou-se parar o seu carro no semáforo vermelho ou seguir a viagem normalmente quando o semáforo é verde quase de maneira involuntária. Todavia, essas ações encerram em si, não existem elucubrações por detrás.

O símbolo é diferente. O símbolo não encerra em si, qualquer que seja o símbolo, ele é embasado por um feixe de idéias, conjeturas e representações.

Os símbolos religiosos são os mais ricos nesses aspectos. A mãe de Jesus Cristo, Nossa Senhora, é de uma riqueza simbólica singular, ela é evocada em diferentes situações e títulos.

Os símbolos históricos também são eivados de significados, Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, Herói Nacional, Patrono Cívico do Brasil, ilustra com clareza o nosso pensamento. Ele representou naquela época, as aspirações de independência política de um povo subjugado e explorado em suas riquezas naturais e socialmente sofrido, hoje, ele é o símbolo maior de liberdade e autodeterminação da nação brasileira.

Martinho Lutero não promoveu a Reforma, somente, por causa da simbologia que impregnava a Igreja Católica do seu tempo, mas pela corrupção e os privilégios que imperavam no seio da igreja, pela venda escandalosa das indulgências, pela autoridade infalível do Papa, pelo excesso de seus dignitários, pela abolição dos interditos, pelas riquezas fabulosas da Igreja Católica em detrimento dos desajustes sociais daquela época, afora, a natureza revolucionária e questionadora do monge alemão, calcada em seu imenso cabedal cultural e inteligência ímpar.

Hoje, as igrejas evangélicas, com algumas distorções, continuam fiéis ao monge alemão, porém, incorporaram em suas liturgias, símbolos menos significativos, menos representativos, a exemplo de óleos, algodões, palmas, água, fogo, etc.

O nosso objetivo não é tecer comentário desairoso ou fazer a defesa de qualquer princípio religioso, político ou científico, entretanto, faz-se necessário dizer que o símbolo sustenta o homem e o aproxima do transcendental. O homem por natureza é limitado, jamais ele chegaria a Deus sem o uso da simbologia, é o símbolo que materializa a sua fé.

Os homens primitivos usavam os fenômenos da natureza como manifestações de suas divindades. Não obstante o progresso científico e tecnológico atuais, o homem ainda continua se apegando às intercessões dos santos, à simbologia, para que Deus mande chuva, sol, evite as catástrofes naturais, os males que afligem o homem e não doutra forma, senão, com o uso do símbolo.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: ensaio

Priscila

R. Santana

1

Um tufãozinho foi o bastante para que a vela se desprendesse do pequeno pires e saísse rolando em cima da cômoda de quatro gavetas abarrotadas de roupa, pingando fogo em cima da toalha plástica que a cobria e ficasse presa num frasco de perfume, esparramando e queimando o espermacete.

A combustão do plástico e do espermacete, em poucos minutos, abriu um buraco na cômoda, puxando a vela para cima da roupa da primeira gaveta.

O fogo pouco e pouco começava formar labareda e subir uma pequena fumaça das roupas de nylon de Mônica. A fumaça, inicialmente, não se espalhou pelo quarto, subia em direção ao forro de PVC.

A pequenina Ana Paula, dormia com a inocência de um anjo na cama de sua mãe, enquanto Priscila, uma robusta rottweiler, se escornava em um tapete estendido na cerâmica, na cabeceira mais baixa do móvel.

Mônica não arredava o hábito de todas as noites, antes de sair para trabalhar, rezar com os joelhos afundados em uma almofada, defronte à cômoda (em cima, uma imagem de Santo Expedito), pedindo ao Santo, padroeiro das causas justas e urgentes, que lhe protegesse e colocasse sob a proteção de sua palma, sua família em particular, agora, Ana Paula e Priscila, mas assustou-se quanto lhe veio à mente o nome do animal: “Priscila? Será que estou pecando, meu Deus?!” Susto desfeito quando se lembrou que o seu Santo protetor tinha sido um soldado romano e antes da sua conversão, ele tinha usado a fidelidade, a bravura e a robustez do rottweiler para perseguir e guardar-se do inimigo, assim como faziam os pastores dos Alpes, para sua proteção e a guarda dos seus rebanhos.

A fumaça tomava corpo, as labaredas já alcançavam uns 20 cm, não demoraria as chamas passarem para segunda prateleira e atingir às demais, chegar até à cama, fumaça e fogo sufocassem e tostassem a criança e o animal.

Priscila percebeu a inquietação da criança, ela também começava inquietar-se, embora o fogo ainda estivesse distante, a fumaça começava incomodar suas narinas, decerto, o nariz sensível da pequena Paulinha de oito meses de vida começava irritar-se.

O fogo e a fumaça engrossavam!...

## II

Mônica Angel Sá não se sentia diminuída, humilhada, por ser garota de programa, também, não fazia marketing do seu jovem e belo corpo. Há dois anos que tinha deixado de trabalhar numa grande construtora de imóveis residenciais em decorrência do seu envolvimento amoroso com um dos seus diretores, mas antes de ser despedida, arrancou-lhe uma bela soma de indenização trabalhista, sua casa e o reconhecimento paterno de sua filha em júízo e não auferiu mais recursos, sensibilizada com os pedidos dramáticos do



seu ex-chefe e amante para que não estragasse o seu casamento e não o arruinasse na empresa.

Embora ela fosse meticulosa e discreta, todos os seus vizinhos sabiam ou imaginavam que sua atividade à noite não se restringia somente aos estudos (depois da faculdade, os motéis, os flats ou os hotéis rotativos), porém, sua simpatia, o seu carisma e os seus préstimos suplantavam qualquer resquício de preconceito e desconforto que alguém da vizinhança quisesse levantar.

Depois do parto de Ana Paula, manteve-se fiel aos cuidados maternos por uns seis meses, todavia, o jeitinho é filho da necessidade, as contas chegando, a pensão alimentícia insuficiente, ela arranhou uma moleca, mais menina que mulher, para tomar conta de Ana Paula, enquanto fazia do prazer o seu ofício, mais às tardes do que à noite.

### III

O seu celular registrava três chamadas perdidas de André. Mônica resistia no retorno das suas ligações, o seu coração lhe pedia para retorná-las, sua mente dizia não.

Sentia-se bem com André, gostava de sua companhia e do seu sexo, tinham quase a mesma idade, ambos jovens, um homem rico e um perfeito cavalheiro, mas trazia na mão esquerda o estigma de uma aliança, ela sentia medo, já tinha exorcizado os traumas sofridos com o pai de sua filha, ressuscitá-los, seria mais uma experiência dolorosa.

O seu coração e o seu corpo se renderam quando André ligou pela enésima vez:

-Não quer falar comigo?...

-Claro, quero!...

-Passei a tarde lhe ligando!

-O celular estava descarregado...

-Quero lhe ver!

-Hoje, não! – valorizou-se.

-Posso saber por quê?

-Estou péssima e a menina não veio trabalhar!

-São 19 horas, daqui a pouco estarei aí, telefona pra moça! – ordenou.

A moça faltou. A razão perdeu para emoção, André não teve muito trabalho para lhe convencer da exigüidade do tempo:

-Amor, não vamos demorar, Paulinha está afogada no sono, deixe Priscila cuidando de sua segurança!...

#### IV

Às 22 horas, a fumaça já era visível, o fogo cuspi labaredas pelo telhado da casa, os curiosos já tomavam conta da rua e da calçada de Mônica quando o carro dos bombeiros chegou. Uma vizinha no meio do povo gritava histérica para que os bombeiros adentrassem rápido na casa e salvassem a criança. O pedido dela ligou todos os comandos, enquanto alguns homens disparavam jatos de água sobre o foco do fogo, outros vasculhavam a casa em busca da criança e nada de encontrá-la...

Concomitante, André e Mônica dispararam no meio do povo. Mônica tresloucada gritava pela filha, foi contida pelos soldados do fogo:

-Os nossos homens estão cuidando de sua filha!!!

-Que é de minha filha?! – gritava.

-Paciência!...

O fogo foi completamente debelado, o incêndio ainda não havia se espalhado pela casa, ficou restrito ao quarto da dona da casa.

A cama, o colchão, o berço e a cômoda ficaram completamente carbonizados, o fogo, também, deixou um enorme buraco no forro se não tivesse sido feito pelo sinistro incidente, o quadro de estrelas que surgiu no céu através dele, era gostoso de ver.

Quando os três bombeiros reapareceram na porta da casa, traziam um semblante de decepção. Um deles trazia nas mãos, uma boneca chamuscada e retorcida, a única coisa que encontrara de Paula. Ninguém dizia nada, mas

todos cobravam com os olhos e gestos o paradeiro da criança, quando Mônica se desvencilha dos soldados e corre gritando:

-Que é de minha filha???... – então:

-Priscila!!!...

## V

André estranhou naquele dia o comportamento frio da amante. Ela, além de uma linda mulher, tinha fogo no rabo, nos seus 30 anos de vida, jamais encontrou outra igual nem semelhante na cama, o seu sexo era feito com grunhidos e gemidos, um animal no cio, uma experta do sexo, uma profissional do prazer, mas naquele dia, ela limitou-se ao feijão com arroz e ao papai-mamãe com muita dificuldade, ele não se conteve:

-Amor, eu estou triste...

-Foi o quê?

-Fui egoísta insistindo que você fizesse amor! – desabafou André.

-Não, eu também estava a fim, bobo!...

-Não! – completou:

-Você é folgada, desprendida, sem pruridos, hoje, não lhe reconheci!

-Coisas de mulher, a minha menstruação está perto de vir, além disto, hoje, acordei com um pressentimento que algo ruim vai me acontecer! –

Justificou.

-Isso é bobagem! Não sou supersticioso...

-Sou devota de Santo Expedito, ele me protege, diuturnamente, com sua palma e sua cruz e quando algo ruim está para me acontecer, ele me avisa, com esses maus pressentimentos!...

-Coincidência, amor!

-Sinais de verdade seu herege!... – brincou.

## VI

Ana Paula foi apresentada à Priscila nos primeiros dias de nascida, três quatro meses depois, Mônica já a escanchava no seu lombo e brincava pela casa. O animal parecia gostar e comportava-se com doçura e delicadeza.

Não era criada amarrada ou marginalizada no quintal. Embora, ela possuísse sua casa no fundo do quintal coberta de telha de amianto e piso de cerâmica, a usava quando lhe dava na telha ou quando sua dona lhe exigia. Corrente, somente, quando Mônica saía com ela para suas caminhadas.

Deus tem um propósito para cada uma de suas criaturas, mesmo na dor e no sofrimento há uma razão de ser, o homem ainda não alcançou o mistério da vida e sua eternidade é uma interrogação.

O esquecimento de Mônica em travar o ferrolho da porta do fundo de sua casa, naquela noite, foi um sinal de Deus, pois à medida que a fumaça ia deixando o quarto irrespirável, a porta aberta tornou o sinistro menor e serviu de exemplo para mostrar ao homem a presença do Criador.

Assim que as labaredas começaram subir e a fumaça engrossar, Paulinha inquietava-se afundada sobre os lençóis e colchas, começou choramingar, Priscila pulou na cama...

## VII

Mônica partiu porta adentro seguida pelos bombeiros, desesperou-se quando viu o seu quarto esfumaçado e o que restou dos móveis, carbonizado. Nenhum sinal de Priscila e Paula. Sua cabeça doía, suas vistas turvaram, sem rumo, partiu para outros cômodos (três quartos, dois sanitários, sala, cozinha e quintal) da casa, de balde esforços, quando num estalo, partiu porta fora, para o quintal, sempre gritando:

-Que é de minha filha???... – então:

-Priscila!!!

## VIII

Amigo leitor, eu não herdei o talento de Dante Alighieri que descreveu com maestria, os cenários do céu, do paraíso e do inferno nem o dom dos pincéis de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Van Gogh ou o nosso não menos talentoso argentino brasileiro, Hector Julio Paride Bernabó, o Carybé para descrever com exatidão, emoção, cores e cenário de Priscila e Ana Paula, deitadas no piso, na casa da cachorra, uma ao lado da outra num abraço aconchegante e distantes do mundo, quando Mônica e os soldados do fogo as encontraram.

Todos deram um freio de arrumação diante da casinha de Priscila. Mônica com riso nervoso, gritava:

- Santo Expedito!... Santo Expedito!... Santo Expedito!... Meu Deus!... Meu Deus!... Meu Deus!... – os bombeiros completavam:

-Milagre!!!...

### Pedagogia do limite

R. Santana

São animais em extinção, não, mintos, são animais extintos. O leitor poderá estranhar chamá-los de animais, mas somos o quê? Somos animais inteligentes. O único animal que raciocina e o único que rir!...

Quis propositadamente chocar o leitor, chamá-los de “animais extintos”, num primeiro momento, mas vou esforçar-me para escrevinhar um texto em homenagem ao magister, aos mestres, aos professores do passado.

Claro que não é um texto parecido com o filme produzido e dirigido por James Clavell e estrelado pelo talento do negro Sidney Poitier. O filme ao “Mestre com Carinho” é um ensaio pedagógico e uma lição de postura, de autoridade, de vocação, de desprendimento e compromisso de um jovem professor negro que troca uma carreira promissora de engenheiro para cuidar e ensinar numa escola de jovens adolescentes indisciplinados e desajustados no bairro pobre de East End em Londres.

Não sei se eles conheciam Vygotsky, Henri Wallon, Piaget, Alfred Binet, se tinham lido Lauro de Oliveira Lima, Paulo Freire e Anísio Teixeira, acho que não, porque sua didática e sua pedagogia eram: o caroço de milho, a régua quilométrica, a palmatória e o castigo de joelho.

Aqueles métodos de aprendizagem, hoje, são considerados antipedagógicos, não didáticos, bárbaros, brutais e que causavam danos psicológicos e intelectuais nos pimpolhos para sempre. Porém, o tempo, senhor da razão, veio comprovar que essas práticas, parecidas barbáries, contribuíram e foram decisivas na formação moral e intelectual desses educandos, mais, muito mais, do que a escola e a família sem limites atuais.

Içami Tiba, professor, médico, psicopedagogo, psiquiatra e a coqueluche do momento - uma versão atualizada dos professores do passado -, em seus best-sellers: “Disciplina: limite na medida certa” e “Quem ama, educa!”, mostra que essa nova pedagogia, essa metodologia sem disciplina e essa família sovina no “não” e perdulária no “sim”, que não impõe limite aos seus diabinhos, ao invés de educá-los, transformamos, plagiando Rousseau: - naturalmente bons, em adolescentes, “aborrecentes” desajustados e adultos delinquentes e criminosos.

Hoje, o professor em sua maioria, é despreparado, desatualizado, descompromissado, sem autoridade, mercenário, refugo doutras profissões - não teve competência pra ser médico ou coisa que valha, se homizia na pedagogia e assemelhados -, não faz jus ao título de magister.

Agora, depois da Internet, a coisa degradingolou, a quantidade de informação que circula em tempo recorde é impressionante. O professor não é mais detentor do conhecimento, pois o que ele sabe, qualquer criança que manipula um mouse obtém-no, nos sites de pesquisa em exigüidade de tempo.

Professores do naipe de Nair Assis Menezes, Challup, Lindaura Brandão, Antônio Pazos Garrido, Manuel Garrido, João Arbages, Osni Capistrano, La Borda, Flávio Simões, Anália São Mateus, Alzair Martins, Josué Brandão, Helena dos Anjos, Lítza Câmara e tantos outros nomes que não me vêm à memória, são profissionais que escreveram uma nova página na história da educação de Itabuna, substituí-los, é desígnio do tempo e da vida, mas sucedê-los jamais!...

Caro leitor, dentre os educadores citados, a história da educação itabunense não poupa encômios ao trabalho educacional de Ewerton Alves Challup, professor Challup. Ele foi um dos mais ilustres precursores da pedagogia do limite na terra do cacau.

Homem austero no cumprimento do dever, tido pela meninada daquela época como “durão”, “carrasco”, estigmas que se perderam no passado. Hoje, sua memória é preservada, suas ações educativas reconhecidas pelos seus ex-alunos pelo denodo e dedicação que ele imprimia em sua prática pedagógica do dia-a-dia, pelo seu compromisso, pela sua inteligência, por ter contribuído durante longo tempo na formação moral e intelectual dos seus alunos, por ter sido exemplo de educador e por ter recebido naquela época, a confiança da família itabunense, na condução educacional e moral dos seus filhos.

O desprendimento por dinheiro do mestre Challup, que dispensava qualquer aluno do seu colégio que não comparecesse às sabatinas ou não fizesse suas tarefas, suas lições, com a conivência e negligência dos pais, lembra Euclides, o pai da Geometria Plana, que certa feita, um dos seus discípulos o questionou se “aquilo” servia para ganhar dinheiro, foi o bastante para que o gênio da matemática lhe desse umas moedas e o mandasse embora.

Mesmo quando a asma lhe botava na cama, ele não descuidava dos alunos, D. Mariazinha, sua esposa e professora da escola, o substituía. A meninada não tinha folga e os estudantes do “Admissão ao Ginásio”, menos ainda. O “Admissão ao Ginásio” era um vestibularzinho que se fazia de todas as disciplinas para admissão ao ginásio. O estudante que não soubesse Gramática, História do Brasil, Geografia e Matemática na ponta da língua (exames escritos e orais), não entrava no ginásio. Extinto o curso de “Admissão ao Ginásio”, democratizaram-se os analfabetos funcionais.

A chamada para Ewerton Challup, era um instrumento imprescindível, principalmente aos sábados, se o projeto de gente faltasse, ele, pessoalmente, ia à casa do aluno cobrar o motivo da ausência, se a ausência tivesse motivo fútil, o preço da falta seria dobrado.

O exemplo Challup justifica a pedagogia do limite. Os tempos são outros, mas psicólogos, pedagogos e orientadores educacionais que compartilham do pensamento do professor Içami Tiba, contribuirão, decerto, para resgatar valores há algum tempo esquecidos e a escola e a família continuarem como de outrora: - a escola, casa do saber e do conhecimento, influenciando na formação moral e intelectual dos seus educandos, formando bons cidadãos para sociedade.

A pedagogia do limite não significa jogar no lixo as atuais teorias do processo de aprendizagem, mas a construção de um novo pensamento embasado em novos conceitos educacionais, ética profissional, interação social, cidadania, escola e família.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Crônica (registrada).

## Prosopopéias e demagogices

R. Santana

Não é segredo pra ninguém os ditos, as anedotas, as demagogias, que os nossos políticos populistas, em extinção, escreveram nas páginas do folclore nacional, essas demagogices ainda enchem e enriquecem o imaginário do povo. Todos foram espirituosos, eloqüentes, inteligentes e raposas.

Alguns fazem da política a arte de ludibriar as pessoas de boa fé e os incautos, porém, outros a fizeram por vocação, sofreram com as necessidades e a dor do povo. A política para esses de aptidão vocacional era uma caça, uma missão, a maioria morreu pobre, deixando as viúvas com dificuldades de sobrevivência.

Quem não leu os apuros que José Bonifácio, o nosso Patriarca da Independência, passou ao solicitar do seu irmão, Antônio Carlos de Andrada, então, o guardião do cofre de D. Pedro I, o pagamento de mais um mês de salário por ter sido roubado à saída do teatro? O pedido foi indeferido. Antônio



Carlos despachou que todos só tinham direito a doze salários – não havia décimo terceiro salário -, que o governo não iria privilegiar nenhum dos seus membros com recursos extras, principalmente, por descuido e negligência pessoais e deu o exemplo da ética solidária: se cotizou com os membros do Gabinete, a quantia roubada do irmão, sem auferir recursos públicos, e doou-lhe com a recomendação que não levasse mais para o teatro o seu salário dentro da aba do chapéu.

Benedito Valadares foi um dos exemplos de raposa política mais emblemático deste país com exceção do seu padrinho Getúlio Vargas. No Estado Novo, Getúlio o indicou para governar Minas Gerais em detrimento dos caciques da política daquela época. Valadares um deputado federal obscuro, puxou tanto o saco de Getúlio que conseguiu passar a perna em todo mundo e assumir o governo de Minas em momento de crise institucional e teve fôlego depois para indicar Ademar de Barros governador de São Paulo. Darci Vargas conta em suas memórias que quando Valadares ia ao palácio do Catete, conversar com o seu pai, ela sabia mesmo ausente, pois ele deixava as folhas de papel da escrivaninha toda riscada. Confessa ainda que embora Valadares não tivesse brilho intelectual sua influência getulista era significativa.

Suas tiradas políticas ficaram na História, quem não conhece “estou rouco de tanto ouvir”? Ou, quando Maurício Dias, jornalista da VEJA, telefonou para obter uma entrevista:

-Senador, muito prazer em ouvir o senhor!

-Eu também tenho muito prazer em ouvi-lo, meu filho. Mas não tenho nenhum prazer em lhe falar!... – conta-se que desligou o telefone.

Outra tirada do político advogado Benedito Valadares, é que pressionado para tomar posição numa contenda, ele responde:

-Eu não sou contra nem a favor, muito pelo contrário...

Pedro Aleixo conterrâneo de Valadares, vice do presidente Mal. Costa e Silva, na morte do presidente em plena crise militar, o repórter perguntou-lhe por telefone:

-Vai assumir presidente?

-Não estou lhe ouvindo...

-Vai assumir?

-Vou sumir!...

Mas na relação dos folcloristas não poderia deixar de citar os políticos da minha terra, minha não, minto, adotada. Dentre esses políticos, José de Almeida Alcântara, seu “arranca” para os moleques, foi o maior político populista de Itabuna. Aonde ele ia, a meninada, os pobres, os idosos, os desempregados e os desocupados acompanhavam-no. O prefeito comprava um saco de quilo de caramelos e distribuía com a gurizada entre afagos e vivas e aos mais velhos, aos seus prováveis eleitores, distribuía dinheiro, tijolos, cimento, telhas e tábuas para ajudá-los na construção de seus casebres e barracos.

Coletor estadual, irmão de desembargador, Alcântara respondia processo por uso indevido do dinheiro da Coletoria que segundo ele e os seus sectários, esses recursos tinham sido usados na compra de mantimentos, remédios, colchões e roupas, para atender às necessidades dos flagelados de uma grande enchente dos rios Cachoeira e Salgado inundando o município de Itabuna, em particular, Itapé, que naquela época, integrava o município de Itabuna, acredita-se que no final dos anos 50, do século passado.

Sua campanha eleitoral era feita com a massiva participação dos humildes, do povo pobre. Ao invés de caminhões, ônibus e automóveis para transportar os seus eleitores para os comícios, usavam-se carroças, cavalos, jegues, iam a pé, de carona, mas todos estavam lá para aplaudirem e prestigiar o pai dos pobres, tudo era festa...

Não adiantava as elites se unirem para derrotá-lo, montanha de dinheiro se distribuía no dia da eleição, mas Alcântara ou quem ele indicasse não seria traído, o povo nunca lhe faltou.

Beijar crianças, colocá-las no colo, afagar velhinhas, adentrar casa humilde, tomar café com gente simples, bulir nas panelas, tomar uma cachacinha na esquina de uma birosca, tudo isso fazia parte da estratégia de campanha política do carismático Alcântara.

Ele se misturava ao povo com naturalidade, simples, sincero, bonachão, irmão, amigo e pai. Jamais usou o poder para prejudicar o seu inimigo político. Não guardava mágoa, ressentimento, estendia a mão ao seu desafeto com a mesma facilidade que socorria um fiel partidário.

No governo Castelo Branco, elege-se pela segunda vez prefeito de Itabuna numa campanha memorável, apoiado pelo povo, ACM e recusado pela

elite intelectual, os remanescentes do coronelismo e a classe empresarial. E, se não fosse à influência e o prestígio de ACM no governo do Golpe de 64, Alcântara não teria tomado posse, face os escusos recursos que a oposição usou.

A demagogice de Alcântara não tinha limite, certa feita, importunado por um rapaz que precisava de um sapato para enfrentar o seu primeiro emprego, Alcântara entregou-lhe o seu sapato e foi para prefeitura descalço.

Morreu no poder e até no seu sepultamento brincou com o povo, é que na hora de baixar o féretro à cova, depois de longos discursos de consenso da oposição e da situação, procedeu-se uma salva de tiros e um gaiato no meio do povo gritou: "... o homem ressuscitou!!!", aí foi uma debandada, gente por todos os lados, à toa, sem rumo, uma explosão emocional incontrolável.

Alcântara morreu pobre.

Fernando Gomes, ex-prefeito de Itabuna, conhecido por Fernando "Cuma", também entrou para as páginas do folclore itabunense não pelos seus feitos administrativos, mas por ser o rei da cacofonia, das palavras atropeladas e inimigo da gramática.

O apodo "Cuma" originou-se de uma aposta entre um correligionário e um adversário, este, desafiou o outro, que entre dez palavras pronunciadas Fernando erraria a metade e na primeira oportunidade que ambos encontraram-no:

-Tudo bem, prefeito? – e o prócer político:

-Cuma?... – o "Cuma" ficou.

Doutra feita, o barbeiro pergunta-lhe:

-Como quer a barba, prefeito?

-"Tarco", "arcool" e quer que "móie"!

O seu irmão, Daniel Gomes, deputado estadual da Bahia, que dista no tempo, na defesa ferrenha de justificar as verbas recebidas pelo prefeito Fernando Gomes e aplicadas nas obras de infra-estrutura, deixou assentado nos anais da Assembléia Legislativa a célebre frase: "L`etat c`est moi", minto leitor, não foi o Luis XIV, foi o Daniel Gomes: "aterrou-las", "encascaroulha-las" e "calçou-las".

Poupe-me, leitor!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: Crônica

Obra: registrada.

<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/publicdomain/"></a><br />This work is in the <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/publicdomain/">Public Domain</a>.

Rosas com espinhos

R. Santana

I

Eu morava no apartamento 509 e ele no apartamento 302 do Edifício Pindorama, na Alameda das Acácias na capital baiana. Não tínhamos nada em comum, eu, um jovem estudante de medicina; ele, um velhinho de 87 primaveras, aposentado, que nos idos de 1940 trabalhou na antiga rede ferroviária Central da Bahia, escoando as riquezas do Recôncavo e transportando gente para Salvador, agora, 30 anos depois, passava parte do seu tempo, conversando e observando as crianças brincarem no playground do edifício, às expensas dos filhos doutores.

Gabava-se ter formado os cinco filhos (três homens e duas mulheres), não se lamentava não ter construído patrimônio, pouco tinha estudado, ou nada estudado, aprendera nas leituras da vida. Nunca brigou, mas muito namorou e demais farreou e quando resolveu juntar os seus cacós com os da mãe dos seus filhos já era um solteirão experiente e curtido.

Embora tivesse pouco freqüentado a escola, era um ávido leitor, em particular, a Bíblia, conhecia todos os seus livros, não obstante não freqüentar nenhuma igreja. Católico de nascimento, afora o seu casamento e dos filhos, contava nos dedos das mãos, os dias que tinha ido lá.

Conheci João Rodrigues Damasceno, “vovô João” pelos meninos, em 1987, no playground do Pindorama. Inicialmente, não houve empatia, trocamos poucas palavras, cismava e tinha ciúme do jeito alegre e descontraído do “vovô João”, principalmente, os meus sobrinhos. Aninha o idolatrava, quando lhe disse que ele não era seu “vô”, ela embraveceu:

-Tio ele é o meu “vô”, de Paulinho, de Andréa... – enumerou os nomes de todos os amiguinhos do “vovô João”. Ainda insisti:

-Ele é um velho estranho, não é seu “vô”!... – foi a gota d`água. Aninha rompeu num choro convulsivo que me custou contê-lo.

Não mais contrariei os meus sobrinhos, menos ainda Aninha e quando me queixei com ciúmes, daquela amizade, aos seus pais, a tinta borrou o papel:

-Mano, aquele velhinho é do bem, não coloque caraminholas nas cabecinhas das crianças! – sentenciou Gilda. O cunhado foi mais duro:

-Ele dá às crianças o carinho que lhe falta!...

## II

Para Descartes todo homem jacta-se possuir bom senso, desde o ignorante ao sábio, desde o medroso ao mais arrojado valentão, desde o fraco ao mais forte, desde o jovem ao velho, todos enfim, possuem esse ponto de equilíbrio emocional quando a ocasião se faz necessária, comigo não foi diferente, tive bom senso, deixei a ciúmeira injustificável e aproximei-me do “vovô João”.

Não foi uma aproximação repentina, um “bom dia” hoje, um “boa tarde” amanhã, um “até logo” depois e assim nos tornamos amigos, ou melhor, nos aproximamos, não, minto, pouco e pouco, eu que me aproximei.

### III

Naquela época, eu não acreditava em espíritos, vidas passadas, carma, transmigração, reencarnação, ressurreição etc., etc. Cria na ciência, cria que a matéria condensada em energia tinha sido eclodida para a formação desses mundos há bilhões de anos (um arremedo da teoria do Big - bang), na Teoria da Evolução de Darwin e cria principalmente, na evolução da ciência para o desenvolvimento e solução dos problemas da humanidade.

É da natureza do jovem a transgressão às idéias prontas, gostar do proibido, aderir ao novo e pensar que é eterno, detentor do saber, raros, raríssimos se despojam dos seus ideais de mundo pela fé, mesmo que os seus lábios confessem crença, as suas atitudes são infiéis.

### IV

Deus faz a oportunidade e o homem tira proveito. A oportunidade surgiu naquela tarde, quando encontrei o ancião, sozinho, no playground do prédio, enfiado de cabeça, na leitura da Bíblia:

-Boa tarde, senhor! – ele olhou-me por debaixo dos óculos:

-Boa tarde, meu filho! – estiquei o encontro:

-O senhor é evangélico?

-Se eu sou “crente”?...

-Sim!

-Não, sou católico! – continuou:

-O senhor é “crente”?

-Não, eu sou agnóstico!!!- respondi-lhe com empáfia.

-É uma nova religião?

-Não, senhor, é uma filosofia de vida!

-Não entendi...

-Creio naquilo que é racional e provável!... – acrescentei:

-Esse negócio de alma, espiritismo, ressurreição...

-O senhor acredita em Deus?

-Acredito numa Energia Absoluta, causa e efeito, concomitante, não à semelhança do homem! – continuei:

-Não entendo um Deus que deixou de igual modo, dor e sofrimento para justos e injustos, para bons e maus, para pecadores e inocentes... – o velho não me interrompeu:

-Que deixou o homem a mercê do mal e a maldade tem prosperado mais do que o bem! – o velho quase não falou, ou melhor, não lhe dei tempo pra falar, inundei sua ignorância de conhecimento, senti-me naquele instante, o mensageiro da ciência, o arauto do conhecimento.

## V

Voluntário e consciente fiquei dois dias sem visitar o playground, degustando cada palavrinha que tinha dito ao velho João, gozando da derrota que lhe tinha imposto, ocasião que lhe demonstrei mais conhecimento, impus-lhe o meu pensamento, deixei-o sem voz e vez, decerto, tinha me vingado dele ser o preferido daquela criançada, principalmente, os meus sobrinhos.

Porém, dois dias foram mais que suficientes para que a minha vitória caísse como um castelo de cartas, em série, uma após outra e passados alguns anos, hoje, com os cabelos alinhavados pelo tempo, dou-me conta de quanto fui arrogante, pretensioso e injusto cismar com um pobre homem que não desejava outra coisa, senão, viver os últimos tempos que lhe restavam de vida, gozando do afeto de todos, sinto vergonha recordar a lição que me deu:

-Boa tarde!

-Ah, ah, ah..., boa tarde doutor!... – não gostei da ironia:

-Não sou doutor!

-Falta-lhe somente o canudo, mas tu és um jovem de ciência!

-Não, senhor, eu sou apenas um estudioso...

-A ciência é mais uma lição de Deus!

-Não, a ciência é fruto da experiência humana!

-Meu filho, é a história do ovo e da galinha...

-Não entendi!

-O conhecimento absoluto é um segredo de Deus e suas manifestações também!

-O senhor está misterioso!!!

-Meu filho não se irrite, a idade tem dessas coisas...

-Continuo sem entender, senhor João!

-A sabedoria e a compreensão chegam com a idade... – continuou:

- O conhecimento do homem é comparado à luz de um candeeiro à luz infinita de Deus! – permaneci calado.

-Tu conheces esta flor? – não me tinha dado conta da flor...

-Uma rosa!

-A rosa é a rainha das flores... – o velho continuava reticente e misterioso, prosseguiu:

-Tu sabias que a rosa é o símbolo das deusas do amor, Afrodite e Ísis?

-Não cultivo mitos. Os mitos encerram fantasias e devaneios. Gosto de fatos, do provável, do concreto, não importa o caminho lógico... Poesia, mito, fábula... – ele interrompeu-me:

-Filho, eu não pensei que tu foste tão ignorante! – não me contive:

-Eu ignorante? O senhor está delirando?!

-Não se avexe filho, sei quem tu és e o que fazes, mas Pasteur, o gênio francês da ciência, deixou escrito: “Um pouco de ciências nos afasta de Deus. Muito, nos aproxima”. Tu precisas de mais ciências! – fui indelicado:

-Ma... mas... ve... veja... quem fala? Um velho maquinista decrépito!

-Filho, eu não vou perder as estribeiras, a idade traz decrepitude física, mas a idade me deu muitas alegrias e mais sabedoria. Tive pouca escola, mas fui e ainda sou um ávido leitor dos homens e do mundo! – arrependi-me:

-Desculpe-me senhor! – fez ouvidos moucos:

-A rosa é o símbolo da vida. Suas pétalas trazem perfume, doçura, bem-estar, tranquilidade, beleza, amor e paz; as suas folhas trazem o verde da esperança, a esperança do homem, a esperança de dias melhores; os seus galhos de espinhos ferem e simbolizam a dor e o sofrimento que a vida nos reserva. Porém, só dedicamos uma rosa àquela pessoa que amamos, ao nosso bem-querer, que gostamos... – tomou fôlego e continuou:



-Filho, a humanidade foi redimida pelo amor de Jesus Cristo. O mundo se mexe no eixo do amor e quando falta esse ingrediente nas relações do homem e dos povos, culminam os crimes, as atrocidades e as guerras... – estava inspirado:

-O amor é o recheio da paz. Tu já pensaste numa ciência sem amor? Se tu pensaste, tenho pena de ti, pois tu não passarias de mais um mercantilista, de um mercenário, de uma prostituta do conhecimento e se tu me permites mais um tempinho, quero encerrar a minha fala com a leitura do Apóstolo Paulo em Coríntios I, Cap.13 V. 1,2:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine”;

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria”.

Não houve réplica nem tréplica. Não houve tempo, o véu da noite começava nos cobrir, não obstante a forte luz dos refletores do playground. O vô João pouco e pouco, levanta-se a custo, no entanto, houve tempo para lhe dizer:

-Muito obrigado!...

Gênero: Conto (registrado)

Autor: Rilvan Batista de Santana

10 dezembro de 2006

Susan “Boyle”

R. Santana

Não tenho o talento de Morris West, o escritor australiano, que tão bem descreveu o conflito de um bispo na canonização do seu principal personagem, no seu livro: “O advogado do diabo”, mas quero fazer a defesa sem ser convidado dos jurados Simon Cowell, Piers Morgan e a linda loira Amanda Taylor que debocharam e desdenharam discretamente, num primeiro momento, de Susan “Boyle”, no programa Britain’s got talent.

Os coitados dos jurados não tiveram culpa a priori, quem levaria a sério uma senhora sueca dos rincões de Blackburn, de cabelos grisalhos, gorducha, desengonçada, quarentona com roupas e trejeitos de sessenta perseguindo o sonho de ser cantora à Elaine Paige, uma atriz e cantora de sucesso na terra da rainha Elizabeth II? Ninguém! Os hipócritas e os cínicos diriam o contrário, porém, cínicos e hipócritas não têm compromisso com a verdade.

A imagem impressiona, todos nós cometemos o pecado de julgar as pessoas pela aparência por mais que desejemos não ter idéias preconcebidas. A estética, a beleza física e a boa aparência predominam nas relações

primárias do homem, porém, é necessário esclarecer que a beleza física em si não se sustenta todo tempo, mas algum tempo. Os condimentos de inteligência, talento, cultura, polidez e bom caráter são fundamentais para que a beleza física de uma pessoa se sustente.

Sócrates, Gandhi, Einstein, Martinho Lutero, Napoleão, Bérqson e Gengis Kahn ou Gengis Cão, não eram modelos de beleza, mas dividiram a História e ganharam o mundo, foram homens do seu tempo, com inteligência, com sabedoria, com perspicácia, com liderança, com bravura e com amor.

O preconceito é apanágio da natureza humana assim como outros sentimentos nocivos. A instrução, a educação, a cultura, a sociedade e os instrumentos jurídicos penais atuais, ajudam moldá-lo, inibi-lo, jamais erradicá-lo.

O pobre, o feio, o deficiente físico, o deficiente mental, o negro, o índio e o velho, sempre vão ter pessoas para virar-lhes a cara, torcer-lhes o nariz, olhá-los de soslaio, de esguelha, ou cumprimentá-los com a ponta dos dedos. Em certo trecho da liturgia católica o padre pede que todos se cumprimentem com a mensagem: “o amor de Cristo nos unindo”. Se alguém colocasse uma câmara invisível nessa parte da liturgia, ficaria pasmo com os gestos discretos de esforço que alguns fazem para abraçar o irmão, muitos não arredam pé do seu lugar para cumprimentar o outro, mais alguns passos adiante...

Lembro-me de um episódio em que um motorista do antigo DNER ao encontrar um negro na sala do seu chefe, o Dr. Pedro Bastos, inquiriu-lhe com desdém: “... negrão aonde foi Dr. Pedro?”, à medida que o engenheiro-chefe não chegava, ele foi se ousando: “...negrão tire a bunda dessa cadeira e vá procurar o chefe!”, caiu do cavalo quando alguém lhe disse que aquele negro esquisito era o diretor regional do extinto DNER , hoje, DNIT, conseqüentemente, chefe do seu chefe.

Doutra feita, eu vi um eletricitista se descabelar para ligar umas fluorescentes em série enquanto um moleque amarelo, desprezível, o olhava por baixo, intrigado com sua incompetência e quando lhe esgotou a paciência, ele com jeito se ofereceu: “O senhor deixa, eu tentar?...”, o pedido em princípio não foi aceito, na casa do sem jeito, o velho eletricitista cedeu com desconfiança, depois de olhá-lo cismado. O Zé Aparecido subiu com destreza na escada, puxa fio daqui puxa fio acolá e minutos depois ele autoriza: “Ligue!”,

para surpresa dos que não lhe confiavam um tostão furado, o salão ficou todo iluminado com a incandescência de sua meia dúzia de fluorescentes.

Porém, o fenômeno Susan “Boyle” é fantástico, *suis generis*, jamais alguém vai galvanizar a revolta de tanta gente em todos os continentes da Terra pelo descaso e deboche que ela foi recebida no *Britain’s got talent*. Todavia, a própria Susan “Boyle” nos deu a resposta, demonstrando humildade, simplicidade, segurança e desenvoltura. Ela não chegou ao show de talentos, agachada ou derrotada, em determinado trecho do vídeo do YouTube, ela diz: “Vou fazer esta platéia tremer” e quando Simon Cowell torceu o nariz pela resposta que ela lhe deu de sua idade, literalmente rebolou e disse-lhe: “Isto é apenas uma parte de mim”, isto é, demonstrou mais uma vez, esplendorosa segurança que não é comum aos débeis e aos incautos.

Machado de Assis e Tobias Barreto, apertados na cor, eram insociáveis, tímidos, mas quando a ocasião se fazia necessária, deixavam os seus complexos de lado e assumiam os seus talentos na arte da escrita ou da eloquência como gigantes fustigados, mas não extenuados e acabados.

Evocando o dito popular: “Por causa de uma cara feia se perde um bom coração.” Então, buscando no egrégio pensador Henry David Thoreau: “As coisas não mudam, nós é que mudamos” ou “Nunca é tarde para abrimos mão dos nossos preconceitos”.

Viva o exemplo Susan “Boyle”!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero; Crônica.

## Um chato estudante de português

R. Santana

Tom Zé e Manduca são dois jovens vestibulandos dos tempos atuais. Os dois são do bem, porém, Tom Zé pegou a mania de corrigir os vícios de linguagem de Manduca e como o hábito é uma segunda natureza, estendeu essa mania a todos os seus conhecidos e não conhecidos que cruzassem o seu caminho e cometessem um pecado contra o nosso idioma.

Manduca mais ladino, mais inteligente, porém, menos esforçado e mais desleixado intelectualmente, vez ou outra, Tom Zé puxava-lhe a orelha:

-Manduca não é “...onde irei?” , mas “...aonde irei?” – continuou: - as duas palavras são advérbios de lugar, porém, essa combinação do a+onde, é feita quando o verbo indica movimento, notou a diferença?

-Tom Zé, você é chato!... A linguagem oral é passível de lapso, o objetivo da linguagem é a comunicação, desde os primitivos, as regras da gramática vieram depois com os gramáticos ou não foi assim?

-Entendi colega, mas deixe isso para os analfabetos que falam no seu dia-a-dia: “pro mode”, “pro quê?”, “nós vai”, “foi eu”, “nós fomos”, eles têm

razão, não alisaram os bancos da escola, nós, não! Não podemos assassinar a “Língua de Camões” e a “Última Flor do Lácio”...

-Quem construiu a língua não foi Camões, Castilho, Gil Vicente, Bocage, Eça, Júlio Dinis e tantos outros escritores portugueses ou brasileiros. Quem construiu a língua foi o povo, os soldados romanos com o seu latim vulgar e suas corruptelas e os mercadores ibéricos. Concorda comigo, sabichão!?!- ironizou Manduca.

-Não sou sabichão! – bufou Tom Zé.

-Parece!

-Às vezes, lhe faço algumas observações por conta da nossa amizade, como iremos ser advogados criminalista, a nossa retórica terá que ser a retórica de Cícero!...

-Não, Tom Zé. Você corrige a mulher da cantina, o porteiro, os colegas, os professores... – fez uma pausa e continuou:

-O seu zelo pela língua tornou-se chatice, uma obsessão!

-Manduca não se zangue comigo – mais calmo e menos afetado -, é que não compreendo como um professor, um colega, uma pessoa de diploma e anel, continue falando: “menas”, “siclano”, “poblema”, “própio”, “estadia”, “normaço”, “nós samos”, “fazem dez anos”, “é eu”, ao invés de: “menos”, “sicrano”, “problema”, “próprio”, “estada”, “mormaço”, “nós somos...”, “faz dez anos”, “sou eu”. Não compreendo confundir “discriminar” com “descriiminar”, “iminência” com “eminência” e alguns profissionais ainda usarem: “previlégio”, “dioturnamente”, ferindo o nosso ouvido!...

-Meu caro Ruy Barbosa dos tempos modernos, eu entendo a sua preocupação, não compreendo a sua obsessão! Os tempos são outros... Tu já estudaste a linguagem jovem dos e-mails?

-Uma revolução às avessas do idioma! – sentenciou Tom Zé.

-Uma revolução às avessas? Não senhor!

-Isso que está aí, é uma linguagem clássica?

-É uma linguagem da Internet, uma linguagem cifrada, é a velocidade...

– respondeu-lhe reticente.

-Onde já se viu “kkkkkk...”, “rsrsrsrsrsrs...”, “kd” “fwd”, “hahahahaha...” e outras frases cifradas, uma linguagem convencional?

-Não se surpreenda se daqui alguns dias... – foi interrompido por Tom Zé:

-Deixe de maluquice, homem! – deu-lhe às costas e foi embora.

Manduca está acostumado com o temperamento impulsivo do colega, quando lhe faltam argumentos, sobram-lhe grosserias.

Tom Zé é mais estudioso, mas não tem a mesma desenvoltura de pensamento e o raciocínio rápido e conciso do seu colega de turma, não obstante Manduca não ser um roedor de livros, assimila os assuntos com facilidade, além de ter uma percepção prática do mundo e da vida. Para ele, a linguagem não pode ser engessada, censurada o tempo todo, todo o tempo, por conta de afetados intelectuais. O mais importante da linguagem é a comunicação, não importam os erros de concordância, os erros ortográficos, os erros de acentuação se a idéia e a proposição chegam ao interlocutor, se o sujeito encontra um receptor, a comunicação foi efetivada.

Tom Zé não se tocou com o último papo que teve com Manduca, quando a oportunidade surgia, lá estava com a língua afiada e a boca aberta para corrigir o lapso ou a ignorância vernácula:

-João não se diz: “dez real”, mas dez reais!

-D. Maria, o verbo “ser” é no plural e o sujeito é “nós”! – a velha rodou a baiana:

**-Joven**, eu não **esfreguei** a bunda no banco da **iscola**, **inhô intendeu?...** – às vezes sua correção era doentia e descabida.

O auditório estava cheio. Um orador tinha sido convidado pelos estudantes de um Seminário Direito para falar sobre “Economia e Legislação”. Tom Zé e Manduca sugavam cada palavra e cada exemplo do orador. Manduca recolhido num canto, escutava e fazia suas anotações; Tom Zé, além de escutar e anotar, dentre os estudantes, era quem mais aparteava o palestrante, às vezes para concordar, doutras vezes, para discordar.

O Dr. André foi incompreendido quando disse que o Exército é uma empresa (esclareceu-se depois), mas sua fala passaria despercebida se o chato do Tom Zé não o tivesse aparteado antes mesmo que completasse sua proposição:

-O Exército é uma instituição militar!

-Eu sei! Porém, falei do ponto de vista organizacional. O Exército possui departamentos, tarefas, receitas, despesas, um corpo jurídico, comandantes e subcomandantes e um comandante supremo: o presidente da República! - fez uma pausa e continuou: - não é uma empresa com fins lucrativos, com ações no mercado, com preços de produto ou de prestação de serviço. Os senhores entenderam? – um raquítico jovem, levantou-se e como se falasse em nome da turma:

-Professor, entendemos, sua comparação procede – solicitou vênua ao palestrante e voltando-se para Tom Zé: - Qual é o maior vocábulo da língua portuguesa, doutor sabe tudo? – por essa ninguém esperava.

-Cultura inútil!

-Também acho. Como são inúteis os seus apartes, os seus comentários, o senhor irrita a nossa paciência, é lamentável sua conduta chata, falta-lhe educação, sobra-lhe arrogância, sobra-lhe afetação e sobra-lhe esnobismo! – todos o aplaudiram de pé.

Tom Zé não respondeu ao jovem nem poderia, ficou isolado o restante do seminário, palestrantes sucederam ao Dr. André, por um acordo tácito, o jovem que lhe disse umas verdades, foi eleito representante dos alunos do curso de Direito, sem voto e sem aclamação.

Sábio, é o homem que tem consciência que pouco sabe, mas se dispõe aprender; sabido, é o homem que não tem essa consciência.

"A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens: não há senão um verdadeiro luxo e esse é o das relações humanas." [Antoine de Saint-Exupéry]

Autor: Rilvan Batista de Santana

Obra registrada

Deus não existe  
R. Santana



## I

Doutor Bruno Santieiro, suava por todos os poros, embora dominasse todas as técnicas de cirurgia do coração. Aquele paciente que já tinha feito uma angioplastia algum tempo atrás, agora, com duas veias obstruídas e um quadro clínico não muito favorável, não dava fôlego ao cirurgião numa by pass e se não fosse a perícia e a destreza inquestionáveis do jovem médico, sua equipe, e uma parafernália de instrumentos e aparelhos de suporte e uma mãozinha de Deus, aquele paciente já teria ido pra cidade de pés juntos.

Embora a cirurgia tivesse oferecido alguma dificuldade, a intervenção humana tinha sido um sucesso, daí em diante, médicos e família, aguardariam os recados da natureza para o veredicto e Dr. Bruno lhe mandasse de volta ao lar.

Mais um dever cumprido, ego inflado, consciência tranquila, o jovem cirurgião é surpreendido com os efusivos “Deus lhe pague”, quando de praxe, comunicava à família do seu paciente, o sucesso da cirurgia:

-A cirurgia foi de risco, mas o resultado foi satisfatório, vamos aguardar a reação do seu organismo!

-Deus lhe pague! Deus lhe pague! Deus lhe pague!... – foi a reação da esposa, o médico foi ríspido:

-Senhora, Deus não existe! Se existisse, milhares de inocentes não padeciam nos leitos dos hospitais nem seriam arrastados pelos desastres da natureza!

-Pelo o amor de sua família, não blasfeme, não valorize a criatura, mas o Criador, os desígnios de Deus são inacessíveis ao conhecimento do homem, ao homem fica Sua misericórdia!

-Senhora deixe de pieguices!- sisudo.

-Não é sentimentalismo... A aliança que Jesus Cristo celebrou com o Pai não foi em vão, a morte não é o fim, mas o começo de um novo tempo no seio de Deus. Sua promessa de vida eterna não pode ser uma mentira! – justificou.

-O homem não é semente, senhora, a morte do homem sinaliza o retorno da matéria à sua origem, a matéria perdeu a vontade de viver, que vocês chamam de alma, nós, ateus, chamamos de energia, élan vital... – encerrou o diálogo numa rabanada.

## II

Raimundo Araújo, homem fisicamente desprovido, uma mistura de chofer, moleque de recado, secretário, repositório de queixas, lamentações, enfim, um confidente da família Santieiro, tratado por “Mundinho”, estranhou a demora de sua patroa com o pequerrucho na clínica pediátrica.

O pimpolho nascera com problemas de saúde, desde sua chegada há 6 anos na casa do famoso cirurgião Bruno Santieiro, que Mundinho é testemunha da labuta dos seus patrões com o seu primogênito, mas àquela tarde, sensações diferentes, pesarasas, envolviam o seu corpo, ele não gostava daquilo...

Sua companheira vivia fustigando-o para que freqüentasse uma casa espírita, que ele estava desperdiçando sua força mediúnica, os seus pressentimentos encerravam em algo ruim, aí, ela enumerava os acontecimentos que o seu companheiro pressentira, ele negaceava:

-Maria deixe de bobagem!...

Católico praticante, não gostava de alimentar os devaneios e as maluquices de sua mulher, Maria possuía uma imaginação fértil e supersticiosa. Embora se declarasse católica, ela cultuava o kardecismo e se Mundinho lhe desse corda, ela freqüentaria também os terreiros de candomblé, acreditava em bruxos e bruxarias.

Porém, naquela tarde, as fantasias de sua mulher não fossem de tudo imprestável, a danada poderia ter lances de razão, estalos de onisciência, lances de verdade se os seus pressentimentos se confirmassem e a família Santieiro tivesse num beco sem saída com o pequeno Bruninho.

Não se fez esperar mais tempo quando Dra. Karla desce espavorida da clínica, semblante carregado, contida no choro, cheia de ordens, Mundinho é incumbido buscar roupas do menino e dela, transmitisse urgência ao seu patrão, pois o garoto fora internado:

-Senhor Mundinho – nunca dispensava o tratamento de “senhor” e “senhora” para os empregados – não demore, fale ao Dr. Bruno vir com urgência! - O empregado não se fez esperar...

## III

Cansaço físico, olheiras visíveis, semblante quebrado, cabisbaixo, contrastavam com o físico alto e esbelto, depois de uma semana, de noites mal dormidas do Dr. Bruno Santieiro, é que o estado de saúde de Bruninho oscilava entre bem e mal, e não, ótimo! A febre resistia deixar o moleque não obstante os recursos profiláticos empregados.

Mundinho compartilhava a dor do patrão, aprendera gostar do pimpolho, inúmeras vezes, saíam a sós para brincarem nos Shoppings ou passarem nas praças a pedido dele e autorizado pelos seus pais.

Ele não privava da intimidade da patroa – nem os outros empregados -, embora o seu patrão tivesse idéias malucas, o amava, Dr. Santieiro não era um patrão, mas muito mais do que um patrão, chovesse ou fizesse sol, aos domingos, eles jogavam futebol de salão, acompanhava a família à praia ou outro lazer, aonde quer que a família fosse, ele estava a tiracolo e, se Mundinho tivesse uma simples dor de cabeça, já era motivo de preocupação para o médico.

Vê-lo pra baixo, impotente, de pés e mãos amarradas, a mercê da doença do filho, cortava coração, às vezes, Mundinho tinha vontade de chorar e não o fez não por machismo, mas para não ser flagrado, porque iria apenas aumentar o desespero dos pais de Bruninho.

Naquela tarde à saída do hospital, não tinham percorrido um quilômetro de volta para casa, quando Bruno pede ao seu motorista que estacione o carro na primeira praça que avistaram:

-Vamos dar uma andada para arejar os cornos!... - brincou.

-Patrão, os meus são uns restinhos da primeira mulher se Maria me trai são com os espíritos, a mulherzinha ou vai à igreja ou vai à sessão espírita, a Bíblia de manhã e o Livro dos Espíritos à noite!...

-E você? – pegou-lhe de supetão.

-Eu, doutor?... Sou cristão, Jesus é ressurreição e vida!

-Esse negócio de vida eterna e ressurreição, é conto de carochinha... – mais pensativo:

-Meu filho está ali padecendo... Inocente, nunca fez mal a ninguém, que justiça divina é essa que o justo é punido e o injusto agraciado?... – com a voz embargada.

-Doutor, os discípulos de Jesus também tiveram essa inquietação ao verem um cego de nascença. Perguntaram-Lhe: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” Respondeu Jesus: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele obras de Deus”. João 9:1-3. – completou:

-Os desígnios de Deus e o seu amor são infinitos, às vezes, incompreensíveis, mas Ele tem um lugar para cada um de nós, patrão!

-Acreditaria Nele se o meu filho ficasse são... – acrescentou:

-Distribuiria parte do meu patrimônio com os pobres!

-Deus não é mercador!

-Fazer o bem não leva ao céu, Mundinho?

-Não em troca, mas em graça e doação. O exercício da caridade e da solidariedade em primeiro lugar, enfim doutor, o senhor tem que “nascer de novo” e poderá pedir tudo ao Criador de acordo Sua promessa: “Pede-Me, e Eu te darei as nações por herança e as extremidades da Terra por tua possessão”. Sal. 2:8. - concluiu:

-O homem que exercita sua fé em Jesus Cristo e distribui caridade, solidariedade, Deus é com ele.

#### IV

Naquela noite, Bruno cochilou e dormiu o sono dos justos ao lado do filho, quando ao sol saindo, despertou atoleimado com os gritos do filho:

-Paiê, paiê, paiê!...

-O quê foi, filho?

-Ela (com a imagem de Nossa Senhora nas mãos), me colocou no colo... – o pai o interrompeu:

-Quem lhe deu esta santinha, meu filho?

-Mundinho!!!...

A razão foi vencida pela fé. Somente os puros de coração podem ver Deus e pedir-Lhe resposta para os seus males.

Doutor Bruno ficou-se de joelhos e chorou, chorou, chorou...

Autor: Rilvan Batista de Santana.  
Gênero: Conto (registrado)  
30.09.2009

Itabuna, 10 setembro de 2009.

Caro Frei J. G. Costa dos Santos:

Com seu jeitinho amigo, colocou-me numa saia justa: - corrigir os erros de sua redação: “Mudanças pessoais e históricas”.

Tenho aversão ao trabalho de correção, com sua bagagem cultural, seria uma presunção, eu jactar-me de corrigi-lo, prefiro pensar que vou ajudar-lhe encontrar não os erros, mas os lapsos de redação, os lapsos de raciocínio e ajudar-lhe na construção de um estilo.

Não sou capaz de construir um texto em que a técnica sobrepuja a criatividade. Ouso dizer-lhe que o texto que me privilegia na sua análise, peca pelo estilo formal, bitolado, com proposições sem brilho, obedecendo, somente, aos ditames dos exames de vestibular, exames que contribuem para que o candidato feche o número de linhas açodadamente, às vezes, com parágrafos e idéias repetidas, doutras vezes, sem muita coerência, frases desarticuladas, com o propósito do cumprimento de uma tarefa de avaliação.

Gostei do texto do adolescente que exprime o seu pensamento em relação às mudanças de costume, de hábito, de comportamento, de sua geração e a geração dos seus predecessores, com leveza, criatividade e objetividade.

Permita-me a transcrição desse texto não para confrontá-lo com o seu, mas justificar e fundamentar o nosso pensamento em relação ao mister da escrita, em particular, a arte do saber redigir:

“Não mudou nada. Os coroas agora implicam porque a gente corta e pinta os cabelos assim e assado, mas a mesma macaquice havia na época deles, com Elvis Presley, brilhantina e coisa tal. (...) Eles também usavam calça jeans, só que chamavam

calça americana. A diferença é que, em vez de camisões coloridos, usavam camisas banlon. E no lugar do tênis e da sandália havaiana, calçavam mocassins.”

Numa linguagem simples, direta, sem floreio, sem erudição, o adolescente escreve sobre os novos valores, as mudanças de comportamento, os novos paradigmas, sem incorrer em falsas verdades, mas com proposições inteligíveis, acessíveis à compreensão do mais obtuso indivíduo.

Agora, vejamos, eu e você, o texto “Mudanças pessoais e históricas” que fui incumbido de sua correção, que de bom grado, devolver-lhe-ei a toga do julgamento e da análise, se o insigne religioso jurar pelos santos dos céus, que doravante não ficará mais escravo das técnicas da escrita e das convenções, mas será fiel ao seu pensamento e dará curso aos lampejos da criatividade e da invenção, porém, sem abraçar às expressões chulas ou empanar a estética da palavra.

Vejamos o texto, depois, nós procedamos a sua análise:

“Mudanças Pessoais e históricas”

“O ser humano está constantemente em mudança, buscando o novo e o aperfeiçoando a cada dia. Por isso, em cada época as pessoas criam novos paradigmas e as vivenciam a partir da sua própria cultura.”

“Essa mutabilidade faz parte da natureza humana e se evidencia no decorrer da história. A busca pelo novo dar uma invenção, alegria, esperança ao homem e abre-lhe novos horizontes. Quando o indivíduo termina uma invenção, já se desperta para dar início à outra, isso aconteceu com os gregos, com os cientistas, principalmente no mundo de hoje, com a tecnologia de ponta. Assim, a criatividade faz parte da natureza e do espírito humano.”

“Quando uma determinada nação tem intuição e cria algo novo causa impacto e gera insegurança nas pessoas. Contudo, com o passar do tempo as coisas se normalizam e vira rotina. Na década de sessenta, surgiram novas idéias, posicionamento frente a ditadura militar, estudantes, intelectuais e artistas foram exilados, presos e outros assassinados. Vê-se, então, que era necessário a mudança de comportamento.”

“Percebe-se, portanto, que essa mutabilidade é inerente ao ser humano. Cabe, pois, aceitar as novas idéias e atitudes, que são capazes de mudar o rumo da vida das pessoas”.

Agora, analisemos:

-Embora as frases tenham sido buriladas, são incipientes, sem desenvoltura, repetitivas;

-O texto está eivado de raciocínios falsos, sofismas, a exemplo da invocação dos gregos para justificar as invenções, é sabido que os gregos eram especulativos, as teorias de Física, do Universo e Biologia, do seu gênio maior, Aristóteles, hoje, têm apenas, valor histórico, enquanto suas teorias de Lógica e Moral permanecem atuais e perenes. Dir-se-ia a mesma coisa de Demócrito de Abdera, com sua teoria atômica. A ciência e as invenções deslancharam-se com o empirismo de Fancis Bacon, a Física de Galileu e Newton, o positivismo de Comte e as teorias da evolução de Darwin...;

-Outro raciocínio discutível, retórico, afirma: “Quando uma determinada **nação tem intuição** e cria algo novo causa impacto e gera insegurança nas pessoas.” Nação é um ente jurídico, não tem intuição, o povo é que, em princípio, tem discernimento, ou seja, as idéias novas têm origem no indivíduo e no decorrer do tempo, elas se tornam de domínio público;

-Outro equívoco está no penúltimo parágrafo quando por escassez de argumento para explicar a contracultura dos anos 60, de origem hippie, movimento revolucionário dos costumes e comportamentos vigentes daquela época, com a divisa “peace and love”, de jovens ingleses de classe média, que por princípio pacifista, jamais se confrontariam com governos militares, ditadores de plantão, pois eram contra a guerra, o capitalismo, as corporações empresariais e qualquer tipo de autoritarismo.

A filosofia de vida do hippie, ainda hoje, é pautada ao desapego dos bens materiais, prega o sexo livre, viver em comunidade e o retorno à natureza. Os intelectuais, os políticos e estudantes que foram presos, exilados e assassinados nos anos 60, foram mais por ideais socialistas e comunistas do que pela influência que tiveram na contracultura, na renovação dos costumes e os novos estigmas comportamentais.

O texto começa falando que a “...mutabilidade faz parte da natureza humana...” e termina da mesma forma: “...mutabilidade é inerente ao ser humano...”, isto é uma conclusão chinfrim, primária, repetitiva, sem imaginação e criatividade.

Meu caro frei J.G. Costa dos Santos, eu espero não ser colocado na prateleira do ressentimento... Não tenho culpa da franqueza que destilei, fui empurrado, fiquei na casa do sem jeito quando tu me impeliste tecer comentário ao teu texto, tenho ojeriza às técnicas e aos métodos que dificultam a livre expressão do pensamento, o fiz para não vos trair intelectualmente.

Enfim, tu és generoso quando me designas como escritor, não sou escritor, sou um escrevinhador, um ávido leitor, que com transpiração ousa colocar no papel alguns causos, algumas idéias. Escrevo com dificuldade, parindo cada frase, não domino a gramática, não possuo a desenvoltura de um Machado, de um Euclides, de um Cyro de Mattos, de um Adonias Filho, de um Jorge Araújo, de um Adelindo Kfoury, por isto, tu



não dê relevância às críticas que fiz ao texto “Mudanças Pessoais e históricas” e plagiando a linguagem hippie: Paz e amor!... Ou, pra fazer jus à prática cristã do preclaro amigo, dir-te-ei: O amor de Cristo nos unindo!...

Cordialmente,

Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 04 de novembro de 2009.

Estimado Paulo:

Há mais de um mês procuro tempo para responder sua carta, a priori, quero lhe parabenizar pela sua dissertação de mestrado: “Os antagonismos exegéticos das religiões”. Li sua tese de mestrado, ponto por ponto, por isto, demorei tanto para responder sua missiva, pois sua carta é uma apresentação sucinta do seu trabalho acadêmico com os seus questionamentos e conclui com a discussão da natureza de Deus.

Surpreendi-me com o seu pedido duma análise do seu texto acadêmico, tecesse comentários, desse a minha opinião... Confesso-lhe que inicialmente, o seu pedido inflou o meu ego, senti-me um douto, um sábio, um mestre da dialética, mas tudo caiu por terra quando se acenderam os lampejos da lucidez e dei-me conta que a minha ignorância é maior do que os meus poucos conhecimentos e conclui que o estimado jovem usou o mesmo raciocínio da Pitonisa grega que declarou que dentre todos os

gregos, Sócrates era o mais sábio, por ser o único que tinha consciência de sua ignorância.

Não sou um teólogo, não sou um exegeta, levo bronca do nosso pároco por ir aos domingos à missa do Senhor sem a Bíblia e recusar-me fazer a leitura dos textos bíblicos ou participar de algum grupo de oração e evangelização, mas não me incomodo, eu prefiro o anonimato, apenas um crente, um humilde servo de Jesus Cristo...

Sob a palavra de Jesus Cristo deposito a minha esperança na vida eterna e na ressurreição, Ele alimenta a minha fé num Deus criador e misericordioso que pelo poder da oração é dobrado. A história das religiões está cheia de homens e mulheres que Deus lhes tocou, foram divisores na história do pensamento e da ciência, a exemplo de Maomé, Moisés, Abrão, Salomão, Davi, Jesus Cristo, Einstein, Descartes, Galileu, Isaac Newton, Sta. Teresa de Ávila, Santa Catarina de Siena e tantos outros.

Meu caro Paulo, queixa-se da falta de fé, a fé, crença religiosa, não se transfere, não se vende em mercado, em shopping, a fé é um sentimento que se exercita dia-a-dia e se reforça pelas obras e pelo desprendimento e renúncia das coisas iníquas e condutas imorais.

A fé tem que ser sentida, eu lembro-me de um folheto, desses distribuídos pelas igrejas protestantes com mensagens significativas. O folheto narrava a história de um ateu que debochava da palavra de um pregador enquanto ele fazia sua preleção. Ele não se fez de rogado, convidou-o para o púlpito e sem delongas, descascou e começou chupar uma laranja diante do menoscabo e desdém do ateu. Ainda degustando a fruta, de chofre, perguntou-lhe se a laranja estava doce ou azeda, o que deixou o homem atarantado, sem resposta, aí, o orador concluiu que a fé assim como o sabor da fruta, tem que ser sentida, chupada, vivida...

Paulo, a fé por si só, é egoísta e inócua, veja o que diz o Evangelho de Tiago: “Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta” (Tiago 2: 14 -26). Por isto, meu caro jovem, sugiro-lhe que comece pelos gestos solidários que a fé vem a reboque.

Noutro trecho de sua carta, justifica sua falta de fé, citando homens e mulheres que contribuíram para ciência, para arte, para filosofia e não encontraram Deus e foram importantes para humanidade e cita dentre outros: “Albert Camus, Schopenhauer,

Augusto Comte, Carl Saga, Pablo Neruda, Simone Beauvoir, Freud, James Watson, Machado de Assis, Ângela Carter”.

Não sei se lhe tocará o coração e servirá para melhorar o seu juízo algumas informações que lhe passo agora, nem posso lhe garantir que a desdita, o vazio, a infelicidade e os desencontros desses homens e mulheres foram porque não tinham fé, acreditavam na matéria e sua evolução, mas todos eles, não tiveram uma vida serena nem uma morte tranquila, os conflitos ideológicos e os desajustes pessoais foram os seus principais estigmas.

Sou um tabaréu, não possuo sua desenvoltura científica, não tenho sua intimidade no manuseio da palavra, gostaria de ter essa facilidade para colocá-las no papel o que eu penso, cada palavra que escrevo é espremida e parida com dor, por isto, não sei se lhe estou sendo convincente na análise de sua carta, porém, prometo-lhe esforçar-me para discutir, tecer comentários, doravante, sua dissertação de mestrado: “Os antagonismos exegéticos das religiões”.

Na página 12 do seu trabalho acadêmico, primeiro parágrafo, chamou-me a atenção a proposição: “... os monoteístas atribuem-Lhe imagem e o homem Lhe é semelhante, tornando-O limitado e finito, assim o fizeram os politeístas, só que estes exageraram nos fetiches”. Meu amigo, em Timóteo II, 3:16, diz: “... toda a Bíblia é inspirada por Deus e proveitosa”. Porém, recomendo-lhe que a interpretação dos textos bíblicos não pode ser literal, ademais, a Bíblia ao longo de centenas de anos, deve ter sido modificada e acrescida de termos por força das várias traduções até Johann Gutemberg.

Se o homem continua após a morte em espírito, é esta a semelhança, pois Deus é espírito infinito sem começo nem fim, o homem como sua criatura Lhe é semelhante. Acredito, também, plagiando Rousseau, que o homem é bom por natureza e a sociedade torna-o mau, ruim e desumano, portanto, o homem Lhe é semelhante e não igual em bondade, amor ao outro e, espírito.

Paulo, embora alguns religiosos acreditem que Deus criou o homem à sua “imagem e semelhança”, conforme o livro de Gênesis (Gênesis 1: 26 e 27), salvo as justificativas no parágrafo anterior, é uma figura de estilo, uma construção retórica, um recurso simbólico, usado pelo autor do Livro Sagrado para explicar humanamente o mistério da criação por Deus.

Noutro trecho de sua tese, existe a seguinte afirmação: “... a Trindade é um axioma falso, imposto pela maioria das religiões monoteístas cristãs para explicar a

divindade e a natureza de Jesus Cristo, todavia, numa análise mais acurada, três pessoas em uma, é racionalmente impossível”. Meu caro jovem à luz do pensamento lógico, da propriedade física, dou-lhe razão, inclusive, algumas religiões comungam com o seu pensamento, mas permita-me o aforismo: “religião, política e mulher, não se discute se abraça...”, pois a religião, a política e a mulher são eivados de qualidades e defeitos, se priorizarmos os defeitos ou aquilo que consideramos defeitos, por ignorância ou intolerância, nada nos satisfará... A fé nos torna mais tolerante e menos exigente, por isto, aceitemos a Trindade pela fé.

Conheci-lhe ainda imberbe, sua saudosa mãe, D. Cândida, mãe coruja como todas as mães, orgulhosa e ciosa de sua inteligência, intimamente, sofria com o seu desdém, desde cedo, pelo pouco caso que demonstrava com a sua igreja de nascimento, a sua incredulidade, o seu ateísmo, valorizando mais os fatos prováveis, o positivismo, em detrimento da fé, da sensibilidade religiosa e da crença no Criador.

Não possuo capacidade persuasiva para lhe converter, pois sou fraco na escrita e nulo na retórica, ademais, não se converte um ateu através da palavra, talvez, essa conversão seja possível através do exemplo e a dor.

Gostaria de voltar ao assunto da Trindade e lhe dizer que não é, somente, eu e você que temos dúvidas, os padres que conheço e alguns teólogos não me deram ainda, uma explicação convincente, o próprio Jesus Cristo deixou entrelinhas, quando diz: “O Pai é maior do que eu.” (João 10: 36; 6: 57), acrescenta: “Aquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, vós dizeis: Blasfemas, porque disse: Sou Filho de Deus?”, completa: “O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Colossenses 1: 15), São Paulo gradua a submissão de cada um: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo (I Coríntios 11: 3), isto significa que o Pai é um e o Filho é outro... A Bíblia não fala dessa unicidade: “Pai, Filho, Espírito Santo...”, de maneira clara, mas subjacente, a exemplo de João: “Pois há três que dão testemunho no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um.” ( João 5:7).

Querido amigo Paulo, para justificar a minha fé, deixá-la mais racional, encontrei a minha própria interpretação sobre a Trindade e dou-lhe de graça, sem nenhum ônus, peço-lhe apenas, que não a mostre aos seus colegas nem aos seus mestres, eles irão rir da minha tosca imaginação, porém, prefiro ser ridicularizado e não sustentar uma fé vazia:

“O Pai é o Supremo Criador, enquanto o Filho é sua Primeira Criatura feita Homem e o Espírito Santo, é a essência e a natureza divina da Trindade”.

Lá, em sua dissertação, chamou-me a atenção, a tese que o jovem amigo desenvolve acerca do tempo. Achei o contraditório brilhante enquanto raciocínio científico, todos esses fatos, sobejamente comprovados com o auxílio do carbono C-14, de efeito retroativo do tempo, porém, permita-me meter o bedelho em sua tese, tomando como referência o parágrafo final do seu trabalho acadêmico: “... negar a importância da Bíblia como um dos principais livros da Historia Universal da Humanidade é tapar o Sol com uma peneira, todavia, à luz da ciência, muitos fatos não se sustentam pela incoerência do tempo, o tempo é negligenciado em todo o Velho Testamento, os teólogos argumentam que Deus é atemporal, mas os autores dos Livros Sagrados eram humanos, tinham compromissos com o tempo e a verdade dos fatos”.

Paulo, eu agradeço a Deus por ter me dado vida, muito tempo de vida, para gozar as coisas boas e ruins do mundo. As coisas mundanas se gozam na mocidade, quando não temos idéia da morte e a luxúria e os prazeres da carne tomam o nosso corpo e a nossa alma. Quando os cabelos se fazem encanecidos, as paixões diminuem e tomamos consciência da nossa fragilidade, da nossa pequenez, é que nos agarramos à esperança de vida eterna e nas promessas de Jesus Cristo. Noutras palavras, não enxergamos as coisas somente com os olhos da ciência, os olhos da fé são mais importantes, por isto, posso lhe dizer com devida vênica que o seu trabalho carece de alguns complementos, porque o tempo não é somente cíclico, o tempo também é cósmico e metafísico, Deus se mexe no tempo espiritual, em que o passado, o presente e o futuro é o agora, no livro de Pedro está escrito: “Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia” (II Pedro 3: 8).

Paulo, eu peço-lhe paciência, sei que todo jovem é apressado, você não é exceção, irá queixar-se do tamanho desta missiva, por isto, eu vou apressar o desfecho desta carta, não vou analisar todos os pontos de sua dissertação, porém, permita-me que eu teça alguns comentários naquilo que é mais importante: a natureza de Jesus Cristo. O seu juízo: “... Jesus Cristo não é o Filho unigênito de Deus. Nele a Igreja Católica se inspira e foi fundada há dois mil anos. Ele tem a mesma importância religiosa, filosófica e histórica de um Maomé, de um Moisés, de um Salomão, de um Davi, de um Abrão e doutros expoentes religiosos, do budismo, do hinduísmo, do confucionismo etc.” Meu amigo, eu quase caio de costa quanto li este texto, pela heresia e pela ignorância exegetica dos textos proféticos e escatológicos do Antigo e Novo Testamento.

Estimado amigo, não se pode negar a importância religiosa e histórica desses homens, eles mudaram o rumo da História, porém, foram homens santos e pecadores, que por desígnios de Deus foram escolhidos, todavia, não podemos compará-los a Jesus Cristo em santidade, providência e autoridade. Se Jesus não é o Filho unigênito de Deus, toda a Escritura é uma fraude, pois sua vinda é anunciada desde o princípio dos tempos: “E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda (Is 30: 21); “E, sendo Ele consumado, veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que Lhe obedecem” (Hb 5: 9).

Se analisarmos a história de vida dos demais homens de Deus, veremos que eles foram guerreiros, pastores, negociantes, reis, pais de família, com mais de um casamento e muitos filhos, tomemos, por exemplo, o profeta Maomé, com o maior número de adeptos do mundo depois de Jesus Cristo.

Maomé, o maior profeta dos muçulmanos, nasceu em Meca no ano 570 a.C., foi comerciante na juventude, analfabeto, teve dois casamentos, sua primeira mulher foi Kadidja, uma viúva rica, mais velha 15 anos do que Maomé. Cultivava desde a juventude, retiro espiritual, num desses retiros, encontrou-se com o arcanjo Gabriel no monte Hirã que lhe confia à missão de falar de um Deus vivo, criador dos céus e da Terra, no meio duma cultura politeísta.

Maomé imprimiu o islamismo através da força e dos conchavos políticos. A História registra que ele participou de umas 26 batalhas e consolida sua vitória na batalha de Khandaq com um exército 10 mil homens.

Maomé morreu em Medina aos 63 anos, mas a cidade do Profeta é Meca e o seu livro sagrado é o Corão. Não realizou nenhum milagre, para os quase 2 bilhões de adeptos, ele não é santo, mas um homem santo, escolhido por Deus.

Amigo, sua tese da não divindade de Jesus Cristo não se sustenta, compará-los aos demais homens de Deus, é uma ignomínia, as Escrituras testificam – No, como o Príncipe da vida: “E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas” (Atos 3:15).

Enfim, espero que o jovem ateu amigo seja um ateu como aquele ateu dono de farmácia: por descuido, vendeu por engano, veneno a uma garota esbaforida que clamava socorro para sua mãe, assim que a garota saiu, o ateu deu-se conta da desgraça, não claudicou, ajoelhou-se e orou a Deus sua intercessão e o milagre aconteceu pouco tempo depois: a menina voltou, chorosa, que pela pressa, caiu e o frasco quebrou...

Cordialmente, o seu velho amigo,

R

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: carta.

### O Aborto

À uma hora, daquela Segunda-feira, Mariana, esborrachada na cama, não despregava os olhos do teto do seu apartamento. Não conseguira pregar os olhos, o sono lhe tinha fugido, há seis meses tinha feito um aborto, seis meses de noites mal-dormidas e não dormidas. Os remédios lhe aliviavam a tensão, a angústia, o mal-estar, as dores de cabeça, os remédios lhe davam um arremedo de sono, um sono conturbado, um pesadelo, mas os remédios não lhe davam sono, os remédios não lhe curavam, os remédios não curavam sua dor...

Mariana lembrava-se como tudo começou: desiludida de Victor por arrastar-lhe a um noivado que não tinha fim, jogou-se nos braços de Guto, o melhor amigo do seu noivo e engravidou. Não sabia se engravidara de Vítor ou de Guto, poderia colocar o rebento nos braços do noivo, mas poderia ser traída pela natureza assim como foi traída Capitu quando foi infiel ao seu marido Bentinho com Escobar e nasce Ezequiel semelhante ao amante para seu desespero e martírio longe da pátria.

Às 2 horas, daquela Segunda-feira, o calor tomava conta do seu quarto, Mariana respingava de suor, não obstante o ventilador ligado, a cabeça latejava-lhe, num impulso levanta-se da cama, veste uma roupa leve, olha pela vidraça da janela, a cidade está vazia, as ruas estão bem iluminadas, vê de quando em quando algum notívago passar

sem rumo e sem pressa (morador de rua ou boêmio), cansada daquela imagem soturna, pega o elevador e desce...

Às 3 horas, daquela Segunda-feira, Mariana cansada de perambular a esmo pelas ruas da cidade volta para o apartamento. Saiu muda e voltou calada, no saguão esbarrou com um dos porteiros que a cumprimentou, ela grunhiu como resposta, um gesto que não passaria despercebido pelo mais desleixado dos servidores do prédio, pois era dada com todos, do zelador ao mais ilustre morador, era persona grata em todos 64 apartamentos, arroz-de-festa, conhecia cada família com se sua fosse.

Sua cabeça não mais latejava, tomou algumas providências necessárias antes de se jogar na cama: abriu as janelas, desceu as venezianas, colocou um colchonete na sala e duplicou os barbitúricos!...

Às 4 horas, daquela Segunda-feira, Mariana dorme o sono dos justos.

Doutor Marcos não era santo nem satanás, restava-lhe alguns pruridos morais e éticos ao longo de 28 anos de boa obstetrícia, porém a necessidade de manter os filhos em faculdades de elite, há uns 8 anos, vinha driblando a Lei. Agora, com os filhos formados e bem encaminhados na profissão e no bolso, não havia necessidade dele continuar na má obstetrícia, mas como o hábito é uma segunda natureza, continuava praticando-a naqueles casos que a Lei o amparava, porém, o cesteiro de um cesto é o mesmo de cem, também a praticava naqueles casos em que a cliente possuía uma conta bancária irresistível.

Explicou-lhe os riscos e os procedimentos de um aborto na primeira consulta, deu-lhe um tempo para pensar... Mariana resistiu ao apoio psicológico indicado pelo médico, não ia voltar atrás, “alea jacta est”, se César confiou na sorte, “eu não”? Por isto, marcaram dia e hora para expulsão daquele corpo indesejável!...

Às 5 horas, daquela Segunda-feira, Mariana estirada no colchonete de sutiã e calcinha, mexia-se e choramingava baixinho, depois, num diálogo estranho, quase aos gritos, movida por uma força invisível, em transe, ela alternava vozes de adulto e criança com flashes de imagem:

-Olhe o seu filho!!!

-Esses pedaços de carne?!

-Você o quis assim!!! – berrava o médico.

-Não, não, é sua mentira – completava:

-O senhor disse que no meu útero não havia gente, mas um amontoado de células!... – o “filho” com doçura:



-Mãezinha, peça-lhe para devolver os meus pezinhos, as minhas perninhas, os meus braços, o meu corpo... – Mariana descontrolou-se:

-Devolva o meu filho doutor!!!

-Eu sou Deus? Você o transformou “nisso” quando tomou aquele remédio, ele teve que sair aos pedaços!

-Miserável!... – caiu em prantos. O “monstrinho”, girando a cabeça sinistra, grita:

-Assassinos!!! – voltando-se para mãe:

-O manto da treva cubra sua alma para sempre!... – voltando-se para o médico:

-Certamente, tua alma queimará no fogo do inferno, mil anos sejam-lhe dados para cada vida que tu tiraste!...

Mariana acordou encharcada de suor, a cabeça lhe latejava, alucinada, rogava perdão ao Criador, incontinenti se joga do 4º. Andar, seu corpo cai sem vida no playground.

Que o seu sangue lhe lave os pecados e Deus lhe dê a vida eterna!...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Gênero: conto (registrado)

Itabuna, 21.12.2009

## Vilma

Não tínhamos mais de 12 ou 13 anos de idade, foi um amor elétrico, os olhos trocaram farpas de luminosidade quando nos conhecemos. Ela, magra sem ser magérrima, morena, cabelos levemente anelados e compridos, altura média, seios pequenos, mãos sublimes, bumbum empinado, um filé-mignon... Não trocamos uma palavra, os nossos olhos se comunicaram e fizeram promessas e juras de amor!...

O Sr. Augusto Aquino, pai de Wilma, um homem sisudo de poucas palavras, tinha feito uma permuta de casas com João Pedro, um arremedo de meu pai adotivo, em bairros diferentes, na cidade de Itabuna.

Augusto Aquino deveria ter uns ter 45 ou 50 anos de idade, por detrás, o alcunhamos de “o velho”. Lembro-me que não o simpatizei, principalmente, quando descobrimos que sua sabedoria comercial excedia às suas condutas de correção e não foi diferente com o meu tio: - empurrou-lhe uma casa velha em troca duma casa nova e negaceou a volta. Porém, confesso ao leitor que fiquei admirado de sua perspicácia, do seu feeling: “Os olhos são a janela do coração”. Aquino percebeu que entre mim e sua filha tinha “rolado uma química”, “uma coisa de pele”, como dizem os enamorados d’ hoje.

O meu tio não tomou posse da casa, preferiu vendê-la, Aquino se apossou da sua casa e para o meu deleite nos tornamos vizinhos, ou seja, Vilma ficava ao alcance dos meus olhos, separada somente, pela rixa dos dois chefes de família: - eu não podia ir lá, ela não podia vir cá...

Tímido, mas espirituoso, alimentava a chama do nosso amor com versos, bilhetinhos de juras eternas e cartinhas de sonhos e projetos, promessas de gente grande, avalizada por meninos.

Hoje, passado tantos anos, lembro-me que Vilma com sua letrinha arredonda, escrevia ingênuas poesias na forma, mas verdadeiras melodias da palavra, alimento do coração e deleite da alma. Claro que havia erros de português, de métrica, porém, quê importância eles teriam? Nenhuma! Importava o sentimento que revestia cada palavra e cada rima. Para mim, os seus versos excediam aos versos de Drummond, Manuel Bandeira, à prosa de Shekspeare e Machado, ao romantismo de José de Alencar, Álvares de Azevedo, Byron, à melodia de Tom Jobim, Beethoven e Villa Lobos. Cada palavra, cada frase e cada oração que Vilma colocava no papel, eram mais bonitos do que todos os textos escritos pelos imortais da todas as Academias de Letras.

Por outro lado, não possuía a mesma desenvoltura da minha amada, escrevia, reescrevia, cortava palavras, adicionava-as, pedia socorro ao dicionário, parodiava, copiava pensamentos e versos para agradar-lhe, só não cometia o crime do plágio, faltava-me talento e sobrava honestidade, o nome do autor e o uso das aspas eram condições **sine qua non** para que eu tivesse o sono dos justos.

Usava e abusava da “Revista do Rádio”, copiava os versos das composições mais atuais, interpretadas pelos cantores em voga, dentre esses cantores, Nelson

Gonçalves era o meu preferido, suas canções eram as mais populares, ainda guardo de memória os versos de “A deusa da minha rua”, uma composição de: Newton Teixeira e Jorge Faraj, na voz do cantor Nelson Gonçalves, ouvida, naquela época, do Oiapoque ao Chuí pelas ondas da Rádio Nacional ou Marink Veiga:

“A deusa da minha rua  
Tem os olhos onde a lua  
Costuma se embriagar  
Nos seus olhos eu suponho  
Que o sol, num dourado sonho  
Vai claridade buscar”

“...A ruazinha modesta  
É uma paisagem de festa  
É uma cascata de luz...”

“...Tal qual o chão de minha vida  
A minh’alma comovida  
O meu pobre coração”

“...Ela é tão rica e eu tão pobre  
Eu sou plebeu  
ela é nobre  
Não vale a pena sonhar.”

Embaixo de cada verso, de cada estrofe, eu tecia um pequeno comentário, clareando a intenção a exemplo de: “A lua se embriaga em seus olhos”, “O sol rouba a claridade dos seus olhos”, “Vou roubar o cavalo de São Jorge pra na lua passearmos”, “rainha do meu pobre coração”, “você é o meu chão” e por aí afora, a minha imaginação e o meu romantismo não tinham fronteiras...

Os nossos encontros de esporádicos tornaram-se amiúdes quando descobrimos uma maneira de engambelar os pais torrões com o pretexto de estudar em equipe na casa dum ou doutro colega que de todo não era mentira, estudávamos um pouco e bincávamos o restante do tempo de “Amarelinha” ou “Jogo da velha”.

Usava os mais variados artifícios para perder o jogo quando o parceiro era Vilma e ganhava para os demais meninos. As queixas eram iminentes, a molecada bufava, bronqueava, que eu a estava protegendo, que não fechava a linha do “xis” ou pulava na “casa” errada de propósito, por isto, começamos alternar os pares e ambos voltávamos jogar quando tínhamos vencido todos adversários.

Namorávamos sem os avanços dos atuais adolescentes. Ficávamos, mas não “enfincávamos”, não enrolávamos língua na língua, no máximo um “selinho”, mão na mão, um pálido abraço na cintura, um cafuné...

Naquela época não conhecia Machado de Assis nem o seu conto “Uns braços”, em que narra o conflito de Inácio e D. Severina de Borges. Não sofri o desejo reprimido de Inácio que de soslaio, comia com os olhos, os braços da mulher do irascível Borges, tocava e me deleitava com os braços de Vilma. Braços torneados, amorenados, pele aveludada, mãos almofadadas e dedos longilíneos, inspirariam o mais obtuso dos pintores, acho que eles despertaram muitas paixões vida afora...

Dois anos depois, eu era fisicamente, um homem-menino, menos que um adulto e mais que um adolescente. Ela, agora, era uma mulher! Mais encorpada, mais alta, seios definidos, bumbum mais desenvolvido, performances quadris, pernas mais grossas, mais adulta do que adolescente, mais animal do que razão, uma verdadeira tentação, um convite à luxúria e ao prazer, então, o romantismo, o namoro ingênuo, a pureza e o amor cederam ao fogo do sexo, das entranhas que pedem macho, das paixões normais, da realidade e aí... Eu a perdi!...

Gênero: Conto

Autor: Rilvan Batista de Santana

História & estórias  
R. Santana

I

José do Ó

A região Sul da Bahia tornou-se notória pela riqueza do cacau, pelo folclore de sua gente, pelo seu povo cordato, pela sua música e dança e pelo seu povo festivo e trabalhador. É uma injustiça atribuir ao baiano à pecha histórica de folgado, preguiçoso e ocioso porque é um povo laborioso e empreendedor sem prejuízo de curtir a vida.

Jorge Amado, decerto, foi um dos primeiros e o principal escritor em traduzir nas páginas dos seus romances, as lutas, a derrubada das matas, os plantios de cacau, os caxixes, os jagunços, as tocaias e a índole dessa gente. Em seus textos, há um acervo de pequenas histórias, mil curiosidades, causos e mais causos, enfim, Amado soube, com genialidade, colocar no papel a sabedoria do seu povo.

Sem a mesma genialidade do autor de Tocaia Grande, quero registrar neste papel, algumas histórias populares, estórias do povo...

Se a sovinice tem pai, ele é o pai. Egresso de terras sergipanas, ele migrou para o Sul da Bahia ainda rapazola. Foi empregado no comércio por pouco tempo, por pouco tempo, deixou de ser boi pra ser ferrão.

Inteligente, trabalhador, mão-de-figa, diligente e ladino comercialmente, José Oduque, conhecido por Zé do Ó, fez fortuna pouco tempo depois, nas terras do cacau.

Feito o pé-de-meia, maduro, José do Ó voltou aos bancos escolares, beneficiado pelos programas do MOBREAL, 99 e 101, em exíguo tempo, concluiu o curso de bacharel em direito pela UESC, entrou na política e tornou-se prefeito de Itabuna.

Um homem que deverá ser lembrado no futuro pela sua austeridade com a coisa pública. Prefeito nos idos dos anos 70, uma de suas primeiras providências, depois de

eleito, foi proibir suas empresas, de peças automotivas, revenda de autos, posto de combustível e materiais de construção, não participarem de nenhum processo de licitação da prefeitura de Itabuna na venda de bens ou serviço.

Empresário bem sucedido, não decepcionou os seus munícipes na condução dos negócios públicos. Além de sua postura ética, deixou sua marca empreendedora com ações administrativas ainda hoje lembradas.

O senão que se faz de Zé do Ó, a única nódoa pessoal, é sua natureza parcimoniosa, beirando à miserabilidade e à mesquinhez, contam-se várias histórias escabrosas de sua avareza, dizem as más línguas que jamais será solidário com o próximo se tiver de meter a mão no bolso, que ele não dá adeus para não abrir à mão, que se cotizou com os irmãos pobres, as despesas dos funerais dos pais, que jamais alguém lhe viu estender a mão para alguém caído, que desconfia até de sua sombra...

Mas faz-se jus registrar que ele enriqueceu honestamente, que sua fortuna não tem mancha de sangue, que sua fortuna está estribada no trabalho e na austeridade pessoal e no seu faro para os bons negócios.

O bem e o mal são faces de uma mesma moeda. Não existe natureza humana absoluta boa ou má, quantas vezes, o mais vil e desalmado criminoso, esboça os mais elevados sentimentos de humanidade e solidariedade? Por isto, ninguém seja visto pelo que tem de mau, mas pelo que tem de bom.

## II

### João Bode

Ele não falava, bodejava... Negro forte, atarracado, queixo saliente, ioruba, parecia um orangotango despelado fugido da selva ou o Homem de Neanderthal. Não havia certeza que se chamasse “João”, o epíteto “Bode” lhe foi acrescentado por causa da sua aparência e pelos grunhidos que soltava na fala.

Agregado da família Sena e Almeida por herança, ao longo dos anos adquiriu um verniz social: vivia arrumado, bem nutrido, escovado e calçado – refugio dos senhorzinhos. O QI de João Bode perdia para um menino de 10 anos de idade,

analfabeto de pai e mãe e madrinha da apresentar, porém, era um negro de temperamento não agressivo, bem-comportado e cordato. Era incapaz de qualquer maldade.

Nos idos dos anos sessenta, a política itabunense estava tão avacalhada e desmoralizada quanto à política do nosso tempo, com os escândalos de Sarney, de Renan, de Delúbio, de Dirceu, de Maluf, de Jéferson, dólar na cueca, anãos do orçamento e tantos outros maus exemplos da política nacional que alguns insurretos, descontentes com a política local, rapazes gozadores, bem-humorados e criativos, indicaram João Bode, candidato a vereador, claro, que tudo de mentirinha.

Dentro de pouco tempo, João Bode tornou-se o símbolo do descontentamento, da ojeriza, da aversão do povo com a política da terra e, ele caiu de imediato no gosto popular do humor.

Os “coordenadores” de campanha de João Bode alugaram um teco-teco, sobrevoaram a cidade, despejaram milhares de folhetos com a “plataforma” do candidato, espalharam “santinhos” em todo município, outdoor, dum dia pra noite, João Bode virou estrela, mais conhecido do que farinha na feira.

Os comícios eram uma festa. Um sanfoneiro abria o forrobodó, os “partidários” (jovens estudantes e intelectuais anarquistas) discursavam ressaltando as qualidades do proeminente candidato (João Bode de terno e gravata em cima do palanque, ao lado dos oradores), arrancando aplausos da multidão (mais de dez mil pessoas), porém, a coqueluche se dava, quando o locutor, num estardalhaço, com mil e uma peripécias, num grande teatro, anunciava que Sua Excelência João Bode ia falar, aí, os estrépitos de vozes, palmas e apupos ensurdeciam...

João Bode com o microfone na mão, atrás dele alguém que lhe soprava o discurso com as mais desvairadas propostas e João não se fazia de rogado, incontinenti, bodejava o seu programa administrativo:

- Vou alimentar jegue com pão-de-ló...
- Vou botar os políticos na cadeia...
- Vou asfaltar o rio Cachoeira...
- Vou fazer um rio de leite com as ribanceiras de cuscuz...
- Vou trazer a praia de Ilhéus pra Itabuna...

O povo ia ao histerismo... A garotada se urinava de tanto rir, os velhos davam crise de tosse de tanta alegria, as mocinhas gozavam de satisfação, para os verdadeiros candidatos, um acinte, uma anarquia, uma esculhambação...

### III

#### Zé de Juvita

Não o conheci pessoalmente, quem o conheceu, tinha-o como boa gente, não obstante suas esquisitices, porém, foram essas esquisitices que lhe fizeram lembrado até hoje.

Juvita, grande fazendeiro do cacau, não usava calçado. Com os pés descalços, bocapiu na mão, ele ia aos bancos e às principais casas comerciais de Itabuna. As gafes e os constrangimentos se sucediam porque quem não o conhecia, tomava-o por um pobre diabo:

-Senhor, passe aqui outro dia, não temos trocado... – tomava-o por mendigo.

Juvita não era sovina, mas um simplório, um tabaréu que se recusava absorver os fumos dos novos tempos. Paletó, gravata, camisa social e sapato eram coisas de almofadinha e doutor, não dele, que vivia embrenhado na mata, esses apetrechos e esses vestuários lhe causavam urticária e mal-estar. O seu gosto era uma calça de cáqui ou de brim, uma camisa de algodão e quando em vez, em tempo de festa numa de suas fazendas, calçar uma alpercata de cangaceiro de tiras de couro cru.

Não poderia ser tomado por um abestalhado, um alienado, Juvita era em sua época, um dos mais abastados fazendeiros, uma fortuna sólida, construída no cabo de facão, na enxada e em seu inato tino administrativo.

Há muitas estórias do seu desprendimento, mas uma estória, o frete da mala, faz-se jus registrar para o alcance do leitor, do seu altruísmo.

Conta-se que em tempos idos, quando ainda não existiam as modernas sacolas de viagem, a mala era uma saco e o cadeado era o nó ou a mala era de madeira revestida de couro cru desenhado, um cabra encontrou um caminhante dentro das roças de cacau e queixou-lhe do peso da mala e se eles estavam longe da fazenda de Zé de Juvita, o



caminhante informou ao desconhecido que a fazenda distava uns dois quilômetros e foi surpreendido com a pergunta:

-Quanto vosmecê quer pra levar a mala? - acordaram o preço.

O camarada quase teve um troço quando chegou à fazenda e descobriu que o seu parceiro de viagem, o homem que lhe carregou a mala, não era outro, senão, o fazendeiro Zé de Juvita!...

#### IV

#### Oscar Marinho

Em 1972 (leitor, não me pergunte o dia e o mês) a rádio Globo deu em manchete nacional, que o maior produtor individual de cacau do mundo tinha falecido em Itabuna, Sul da Bahia e o jornal Globo trazia em suas páginas, uma breve biografia de Oscar Marinho Falcão.

Já se sabia naquela época, que Oscar Marinho era o homem mais rico da região e quiçá da Bahia, mas se desconhecia o tamanho de sua fortuna, que ele colhia mais de 120 mil arrobas de cacau, quando a maioria dos fazendeiros não passava de 2000 arrobas que lhes davam uma vida nababesca.

Oscar Marinho, na juventude, trabalhou com o seu pai Máximo Marinho Falcão como ajudante de alfaiate, moço, jogou futebol com talento nos remotos anos de 1911, mas enriqueceu no comércio e na lavoura.

Ele não usava jagunços, não usava o bacamarte para tomar terras do vizinho, era um homem de paz, bonachão, amante da sabedoria do povo, mesmo quando foi vítima de uma tentativa de homicídio pelo seu genro Washington Quintela, (para cedo herdar, dizem as más línguas), deixou que o tempo se incumbisse da vingança e como era um homem de sorte, Quintela foi tragado pelo mar pouco tempo depois, pilotando o seu avião.

A leitura que se faz desse desbravador do cacau, desse homem de origem pobre que fez fortuna, é que era um homem ladino, esperto comercialmente, um judeu tupiniquim do século passado, se algum vizinho de roça lhe tomava dinheiro, ele de bom grado emprestava com juro escorchante e, se o inepto do agricultor não pudesse lhe

pagar, entregava-lhe também de bom grado, o seu pedaço de terra para honrar o empréstimo.

Uns burburinhos de sua época dão conta que quando alguém ia lhe quitar uma nota promissória, ele a embolava, jogava-a no lixo às vistas do ingênuo devedor e assim que lhe dava as costas, Oscar corria à lixeira e restaurava a nota promissória com ferro de roupa, tempo depois, o titular do débito era cobrado por inadimplência...

Folgazão, envolvente, bom papo, maquiavélico comercialmente, não dava ponto sem nó. Com exceção do genro, nunca peitou e nunca foi peitado por ninguém, sua capacidade de convencimento era sua maior arma, era capaz de tomar o último níquel de um pobre coitado e deixá-lo com sentimento de gratidão.

Não queimava dinheiro, não era perdulário, não se tem notícia de casa montada para amante ou envolvimento com filha ou mulher dos seus agregados (procedimento comum dos coronéis do cacau), ele era respeitoso, mulher só a mulher do casamento. Porém, não era sovina nem miserável, era farto na mesa e no vestir. Gostava de roupa branca. Usava, dia de semana ou feriado, ternos bem talhados de linho ou casimira, meia branca, camisa branca e sandália de tiras, fechada no calcanhar.

Espirituoso, certa feita indicou um protegido para trabalhar no extinto Banco Econômico, não se sabe o motivo, o gerente não lhe deu um “não”, também não lhe deu um “sim”, ficou enrolando o seu afilhado, que na casa do sem jeito, queixou-se ao seu protetor. Oscar pegou o afilhado pelo braço e foi ao banco tirar todo o seu dinheiro, foi um vexame...

Não havia na agência tanto dinheiro disponível para o resgate, a soma era astronômica, foi necessário o gerente socorrer-se ao Banco do Brasil. Dinheiro contado e recontado, pacotes de cédulas circundados na borracha, sacos de dinheiro empilhados, juros acrescidos, carro-forte esperando, revólveres e rifles de prontidão, gerente abestalhado, parvo, não se aguentando em pé de nervoso, preocupado com a perda do cliente, do coronel do cacau, seu emprego ameaçado, quando do nada Oscar Marinho resolve voltar atrás, estava satisfeito com o “zelo dos seus tostõezinhos”, mas antes de sair, lembrou ao gerente:

-Filho – apontou o protegido -, tu estás em falta com este rapaz! – como de bobo o gerente só tinha a cara e o jeito de andar...

Ele tinha suas tiradas filosóficas:

-Cavalo de corrida morre na pista...

-Quem nasceu pra tatu, morre cavando...

-Quem Deus prometeu vintém, não dá dez reis...

-Se o meu amigo tem carro pra que comprá-lo?...

-Quem tem pai rico não se sujeita ao dinheiro...

Morre o homem, fica a fama, Oscar Marinho ainda hoje é lembrado pelo seu jeito de ser, pela natureza cordata, por ter sido até hoje o maior produtor individual de cacau de todos os tempos, pelos seus empreendimentos, pelo colégio estadual CIOMF que contribuiu para sua construção, doando ao governo mais de um hectare de terreno, pela rua que empresta o seu nome, mas acima de tudo, pelos benefícios que espalhou e pelo exemplo que fica.

\*\*\*

### **Algumas Linhas:**

Tocaia Grande, de Jorge Amado, é o retrato da Terra do Cacau, sem lei e de muitos donos, construída com suor, sangue e choro, esquecida ao longo do tempo, hoje, as novas gerações não têm orgulho desse passado, celebram somente, aos pioneiros que a desenvolveram com trabalho, paz e amor.

Obra: História & estórias

Autor: Rilvan Batista de Santana

Data: 20.08.2009

D. Morte

R. Santana

A morte é uma bicha traiçoeira, quando menos se espera, ela bate na porta do ser vivente, independe de idade: criança, jovem, adulto, velho, todos estão em sua lista

desde o nascimento, uma coisa é certa: “Quem moço não morre, velho não escapa”. Não se pode dizer que a morte é preguiçosa, ela trabalha diuturnamente.

Alguns caricaturistas representam-na como um ser esvoaçado com uma grande foice; outros, um ser encoberto por uma capa preta com uma foice no ombro; há ainda quem a represente com duas foices em xis, com asas e flutuando; os gozadores representam-na sentado no esqueleto de um reles pangaré ou ostentando um grande relógio numa das mãos e a maldita foice na outra, alertando: - Olhe sua hora!...

Ninguém gosta de fila. Fila de banco, fila de lotérica, fila de médico, fila de hospital e outras filas são ojerizas de todos os mortais, de quando em vez, espertinho é repellido quando usa a Lei de Gerson para ser atendido primeiro, mas a fila da eternidade nenhum espertinho quer ser o primeiro, pelo contrário, cede com presteza o seu lugar:

- Se o senhor quiser pode ir. Eu não tenho pressa...

- Não! Eu não furo fila, é sua vez, eu tenho todo tempo do mundo... – completa:

- se lá for bom o senhor venha me dizer! - ninguém tem pressa...

Até Jesus Cristo no seu momento humano de angústia e aflição, antes do beijo de Judas, teve pavor da morte, dizendo: “Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a Tua” (Lucas 22:42).

Para os ateus, a morte não é uma passagem para outra vida, mas o retorno da matéria á sua origem e a fluidez de energia concentrada num corpo. Para alguns religiosos, uma evolução do espírito; para outros, o homem morre porque é pecador, limitado, São Paulo enuncia: “Por que o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor” ( Romanos 6:23).

Os gregos, os romanos e os povos orientais renderam-lhe tributos em suas mitologias deístas: Tânatos, Kali, Shinigami e Yama etc. Tânatos deus da morte de coração duro, filho de Nix, deusa da noite e Hipinos ou Érebo, a noite eterna do Hades. O hinduísmo tem o seu deus da morte, personificado por Kali, uma mulher escura com um colar de crânios e braços decepados, um horror!... Shinigami é o deus da morte dos japoneses, pra cada tipo de morte, é um deus diferente, ele leva a alma humana para o outro mundo. E, Yama é o senhor da morte dos indianos.

Os poetas e os ficcionistas de todas as gerações falaram da morte pessoalmente ou através de seus personagens. A escola literária romântica foi quem mais descreveu a luta, a angústia e o drama existencial do ser humano e o medo da morte. Os seus representantes se afogavam na boemia, na bebida, no nacionalismo exacerbado, no amor

utópico, no amor ideal, nos prazeres da carne, nas volúpias e não foram poucos os que morreram, prematuramente, pelo “Mal do Século”.

Lord Byron teve premonição de sua morte, Mozart compôs o seu Réquiem, Augusto dos Anjos cantou tanto a morte que recebeu o título: “O poeta da morte”. Mário Quintana, também, escreveu sobre o amor, a vida e a morte. Machado de Assis “imortalizou” a morte com o seu romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Brás Cubas, depois de morto, escreve suas memórias com palavras sarcásticas, irônicas, fúnebres e começa o seu livro deixando ao primeiro verme que lhe comeu esta dedicatória: “Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver, dedico com saudosas lembranças estas Memórias Póstumas”.

O melhor livro de Jorge Amado: “A morte e a morte de Quincas Berro d’Água”, ao contrário de Machado em que Brás Cubas destila o seu humor negro, Quincas, um antigo funcionário público, morre três vezes (morte moral, morte natural e morte no mar), ao lado dos seus amigos, regado de muita cachaça e música.

Porém, a morte não é tão má, tem o seu lado folclórico. A consciência coletiva registra mitos e histórias humoradas, aforismo, de uma morte bonachona e boazinha, veja:

Num lugar bem distante, no outeiro de uma serra, morava um casal ainda não maduro. O homem, um destemido lavrador; a mulher, cuidava da casa e das criações. Viviam para o trabalho de sol a sol, com exceção do dia de domingo quando eles iam a cidade louvar a Deus e comprar o feto e a carne-de-sol da semana. Certo dia, D. Morte bate no barraco do casal e pergunta à mulher pelo paradeiro do seu marido. A mulher atabalhoada, responde-lhe que o seu marido àquela hora, deveria estar lavrando a terra ou no cabo do machado cortando lenha. Sisuda, com as faces descarnadas, vestida de preto, deixa-lhe um recado:

-Avise ao seu marido que no próximo inverno virei buscá-lo, dou-lhe esse tempo para descansar! – num piscar de olhos, desapareceu...

O tempo passou, o lavrador redobrou-se no trabalho, sua mulher o admoestava:

-Homem, D. Morte mandou-lhe descansar, pára homem!... -Mulher, “cavalo de corrida morre na pista”, não vou ficar esperando D. Morte na cama, morte é morte, não é? – colocava o embornal nas costas e se mandava pra roça. Os dias se passaram e as estações do ano também e quando o tempo chegou D. Morte bateu na porta do lavrador para levá-lo, mas não o encontrou. A mulher

questionada repassou-lhe o recado do marido e D. Morte, ao invés de levá-lo, admirou-lhe a coragem e não lhe tirou a vida por uma centena de anos...

Porém, quando alguém lhe quer engambelar:

Um velho enfermo recebeu a visita de D. Morte. Ele choramingou, implorou, pediu-lhe mais um tempo, pelo menos que lhe deixasse viver até o aniversário da netinha... D. Morte derreteu-se de dó, quê significava mais uns dias? Nada! Nada demais satisfazer o pedido de um avô e deixou o pobre diabo em paz. Os dias se passaram, o velho rijo, vendendo e emprestando saúde fez o aniversário da netinha e gozou da festa. Final de festa, todos recolhidos aos seus aposentos, o velho também, D. Morte lhe reapareceu para cobrar o trato. O velho ardiloso, tratante, pediu-lhe mais tempo, queria ver a nota formada... patati... patatá... patiti... patatá... e joga conversa fora em D. Morte... Então, estressada de muito trabalho, preveniu o velhaco: - Tudo bem! Você me pegou de boa maré, quando for sua hora me chame!... Os dias se passaram. O puto velho, mais alegre que “pinto no lixo”, caiu na gandaia, na bebedeira e na esbórnia, trato esquecido... Certo dia, na mesa de um bar, passa D. Morte encarnada numa morena de tirar o chapéu: bumbum empinado, peitos furando o sutiã, cabelos cor de graúna, rebolando num salto quinze, aí o velho não agüentou:

-Mata o velho!... Mata o velho!... .Mata o velho!...

E o velho morreu! Não se engambela D. Morte...

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 22.01.2010

A Criatividade

R. Santana

A criatividade é um dom de Deus. Escrever, pintar, esculpir, construir, fazer, transformar, são habilidades e atividades que, com aprendizagem e domínio técnico o homem aprende fazer, mas criar ou inventar é uma manifestação divina.

Muitos engenheiros e arquitetos construíram prédios fabulosos, seguros, no mais preciso rigor técnico de cálculo estrutural e formas convencionais em nosso país, porém, foi preciso o gênio de Oscar Niemayer aparecer para torná-los mais belos em formas e lugares aprazíveis, em poesias...

Todos ou quase todos os mortais balançam o esqueleto, mas foi Fred Astaire quem primeiro fez da dança um poema escrito com os pés. Os seus filmes congestionaram bilheterias em todo o mundo, não pelo conteúdo dos scripts, mas pela magia de sua dança.

Os livros de Machado de Assis, Euclides da Cunha (Os sertões), Drummond, Fernando Pessoa, Shekspeare, Dante Alighieri, Haminguey, Allan Poe, Thomas Mann, Irmãos Grimm, Goethe, Dostoiwski, Castro Alves, Jorge Amado, Kahlil Gibran, Homero e tantos outros, não foram somente escritores, foram gênios, deuses da criatividade e da escrita.

Na música e na composição, Mozart, Beethoven, Friedrich Haendel, Villa Lobos, padre José Maurício, Noel Rosa, Cartola, Antônio Carlos Jobim, Adelino Moreira, não foram músicos e compositores de técnica, foram compositores e músicos de pura técnica e criatividade. Suas produções permanecem e permanecerão na história da arte para sempre pela criatividade e beleza.

Na pintura e na escultura, Michel Ângelo, Da Vinci, Picasso, Monet, Renoir, Baldini, Almeida Júnior, Anita Malfatti, Carybé, Di Cavalcanti, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, não reproduziram formas e imagens, retratistas amadores, mas produziram formas e imagens divinas, com o dom da criatividade que Deus lhes deu.

Deus premia somente alguns com o dom da criatividade e da invenção, mas não lhes premia de mão beijada, exige-lhes determinação e perseverança. Certa feita, Thomas Édson, um dos maiores inventores de todos os tempos, questionado por alguém se suas invenções eram inspiradas, ele respondeu-lhe que a inspiração não prescinde da transpiração, uma depende da outra. Se alguém ficar deitado, esperando que Deus lhe mande uma grande idéia, dê-lhe habilidade nas mãos, sensibilidade, insight, raciocínio lógico, nada acontecerá, mas se alguém tem uma boa idéia, persegue e persiste aquela

idéia, diuturnamente, ele terá um desfecho feliz, mesmo que para muitos seja um contrassenso.

Conta-se que Isaac Newton descobriu a “Lei da Gravidade” por acaso, quando embaixo de uma macieira, uma maçã lhe caiu à cabeça. É evidente que Newton já perseguia essa idéia dos corpos puxados para baixo por influência de Galileu Galilei há longo tempo, porém, foi preciso uma centelha divina que lhe despertasse.

Santo Dumont botou muito dinheiro no bolso, uma idéia na cabeça, se mandou pra Paris e inventou o avião. E, quando sobrevoou o campo de Bagatelle, com o seu XIV- Bis, deixando os franceses e o mundo estupefatos, com uma máquina mais pesada do que o ar, movida a gasolina, suas idéias e o seu feito estavam inscritos perenes na História.

O físico e matemático Arquimedes, o homem das alavancas e roldanas, “dê-me uma alavanca e um ponto de apoio que levantarei o mundo”, descobriu a picaretagem de um ourives que enganou o rei Hierão, confeccionando uma coroa de prata e ouro, vendendo-a por puro ouro, e as leis de impulso da hidrostática, depois de um estalo divino em sua mente, quando Arquimedes imerso numa banheira, conta a lenda que despido, ele saiu pelas ruas gritando: “Eureka! Eureka!”, “Encontrei! Encontrei!”, a ciência registrava mais uma descoberta...

Alexandre Fleming descobriu a penicilina depois de varar noites e dias, por um acaso de Deus, esqueceu umas placas com bactérias em cima da mesa do seu laboratório e o bolor destruiu essas culturas enquanto esteve de férias.

A escola não produz gênios. A escola educa, transmite conhecimento e instrui pessoas. Se os geneticistas de todo mundo quisessem “construir” um Shekspeare, um Mozart, um Santo Dumont, um Machado de Assis, Rembrandt, um Picasso, um Charles Chaplin, não conseguiriam, salvo, se Deus acrescentasse uns cromossomozinhos de genialidade no DNA, o dom criatividade, da invenção.

Alguém pode suscitar que este texto é uma apologia determinista o que não é verdade, o gênio não nasce pronto, nasce com as potencialidades (filosofia aristotélica de potência e ato), o meio, a educação, a interação social e outros fatores contribuem para que ele se transforme em ato.

Cartola, negro e pouco letrado, passou alguns anos desaparecido, depois de várias investidas fracassadas em músicas e escolas de samba. No ostracismo, sumido, trabalhando de vigia e lavador de carro teve o seu momento providencial com Sérgio Porto, o imortal Stanislaw Ponte Preta, quando por acaso o famoso jornalista o



encontrou num bar, sujo e maltratado em 1956, de lá pra cá, o gênio de lindas composições, dentre tantas, “As rosas não falam”, jamais será esquecido.

Que o tempo não me contradiga, mas Deus ao criar o homem, deu inteligência a todos e o dom da sabedoria e da genialidade a poucos.

Autor: Rilvan Batista de Santana

Itabuna, 30.01.2010

Itabuna, 05 de dezembro de 2009.

Para: Frei José Raimundo da Silva Oliveira

M. D. Pároco da Igreja Santa Rita de Cássia – São Caetano, Itabuna (BA).

Preclaro Frei José Raimundo:

Como de praxe, quero lhe parabenizar pelos seus 25 anos de sacerdócio com périplo em algumas cidades da Bahia, em particular Itabuna, atingindo o auge da missão na cidade de Aracaju, capital do meu querido estado de Sergipe, conforme sua declaração pública.

Acredito que, pela maturidade das idéias, pela força de caráter, pelo desprendimento material, por perseguir a injustiça, por advogar as boas causas sociais, por fazer uma pregação que o povo entende e comunga, Deus lhe premiará com mais 25 anos de bons serviços sacerdotais, aqui, ali e alhures!...

Se possuísse a eloquência de um Cícero, o pensamento de um Sêneca ou o domínio da palavra de um Rui Barbosa, eu usaria o púlpito de sua paróquia para lhe homenagear nesse dia, mas me falta a genialidade e o dom da oratória desses pensadores, resta-me o recurso da escrita para manifestar os meus encômios, os meus elogios ao egrégio reverendo à frente da nossa paróquia.

Sou um católico preguiçoso, não faço parte de grupo, não tenho vocação para evangelizar, tenho aversão à discussão religiosa, sou partidário do pensamento que “religião, política e mulher não se escolhe se abraça”, pois a imperfeição é apanágio do homem, por isto, não comungo com os meus irmãos de fé que lhe denigrem, que lhe caluniam, sorrateiramente, usando recursos anônimos vis, maculando e enxovalhando o seu trabalho administrativo e o seu ministério.

Não tenho autoridade religiosa nem conhecimento teológico para fazer juízo do seu ministério, do seu apostolado, mas sobra a mim e aos demais paroquianos de bom senso, o reconhecimento de sua capacidade administrativa e sua preocupação social. Não lhe faz jus pelo serviço prestado à comunidade ao longo desses anos, críticas maldosas e aleivosias infundadas, por paixões, fanatismo e interesses inconfessáveis.

Senti sua angústia quando no final da eucaristia de 27.12.2009, anunciou a data dos seus 25 anos sacerdotais e o desconforto a priori de uma pálida cerimônia, numa fraca recepção... É sabido que sua Ordem Religiosa dispensa o fausto, a suntuosidade e propugna pela humildade e pelo simples, mas nenhum mortal dispensa o afeto, o reconhecimento e a solidariedade moral, são combustíveis que renovam a vontade de caminhar e construir.

O senso de justiça moveu-me “escrevinhar” esta carta despreziosa, sem presunção, para lhe dizer que existem opositores (uma ínfima minoria) inescrupulosos, maledicentes, mas existem amigos, paroquianos corretos, que lhe respeitam pelo seu trabalho, pelo seu apostolado e pela audácia das suas idéias políticas e sociais.

Alguém já disse: “...toda unanimidade é burra”, as críticas construtivas são necessárias para nortear o administrador, o líder, o evangelizador, o pastor, ninguém é dono da verdade, o nosso crescimento pessoal decorre da crítica do verdadeiro amigo, não do falso amigo, do bajulador, entretanto, é necessário discernimento, despreendimento, espírito desarmado, para não confundir-los.

O povo ninguém o satisfaz plenamente, Jesus Cristo viveu essa experiência quando disse: “Bem profetizou Isaias acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, Mas o seu coração está longe de mim” (Marcos 7 : 6-7),

lá adiante, São Paulo deixa claro a falta de merecimento do homem e sua imperfeição, ele é salvo pela misericórdia de Deus: "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo" (Tito 3:5).

Quais as queixas que tenho ouvido dos meus irmãos de fé? Queixas políticas e de relacionamento: "Frei Raimundo só fala de política na missa..." ou "O Frei é petista..." ou "Ele é intratável...", "Ele é tendencioso.", essas queixas podem ser verdadeiras na visão do queixoso ou podem ser uma meia verdade, uma face da verdade, considerando as circunstâncias e o momento. Para o grego Protágoras: "O homem é a medida de todas as coisas", isto é, o que é verdade pra Chico é mentira pra Mané...

Para Aristóteles (500 anos a.C.), "o homem é um animal político", não necessariamente partidário, mas política no sentido de participação das ações comunitárias, na defesa do bem comum, no social. Não existe tribuna mais adequada para defender o oprimido, o marginalizado e as injustiças sociais do que a Igreja Católica - não obstante os seus erros históricos -, a igreja de Jesus Cristo. Portanto, falar de política misturada com homilia não é um pecado, é dar cumprimento às idéias do seu fundador que há 2000 anos pregou contra as injustiças sociais, promoveu a igualdade entre os homens, promoveu a solidariedade, condenou o pecado e não o pecador, portanto, falar de política na igreja é uma necessidade e um dever, a omissão é um mal...

Lembro-me de sua frase feliz, proferida numa missa de agradecimento pela eleição do atual prefeito, no desenrolar de sua prédica, ele teve que ouvir: "Não basta ser honesto tem que trabalhar com gente honesta"!... Portanto, a política não é um mal, mas um exercício de cidadania, a sublimação dos direitos humanos. O quê seria do povo brasileiro, nos anos da ditadura, se não houvesse a voz de Dom Hélder Câmara, Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Aluísio Lorscheider? O nosso país não teria sido redemocratizado.

Não acredito que os bons sejam vencidos pelos ímpios, que o mal supere o bem e a maldade prevaleça, se no dia 6 de Janeiro do ano em curso, lhe faltar paroquianos para festejar suas bodas de casamento com a Igreja Católica, se a sua angústia e a sua decepção forem confirmadas, agradeça a Deus pela missão duradoura que Ele lhe confiou e permaneça firme em sua caminhada porque "Leais são as feridas feitas pelo amigo, mas os beijos do inimigo são enganosos" (Provérbios 27:6), contente-se com sua consciência, pois: "BEM-AVENTURADO o homem que não anda segundo o conselho

dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores" (Salmos 1:1).

Acredito numa grande alegria dos seus paroquianos comemorarem no próximo dia 06, os seus 25 anos de sacerdócio. As más palavras são levadas pelo vento e o exemplo permanece, a sua dedicação com as coisas da nossa paróquia e o seu exemplo de vida jamais serão esquecidos.

Parabéns!!!

Cordialmente,

Rilvan Batista de Santana/família

<a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/"></a><br /><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text" property="dc:title" rel="dc:type">Rosas com espinhos</span> by <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="mailto:rilvansantana2005@yahoo.com.br" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Rilvan Batista de Santana</a> is licensed under a <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/">Creative Commons Atribui&#231;&#227;o 3.0 Brasil License</a>.







